



RETEXTUALIZAÇÃO

**Educação,
interseccionalidade e
diversidade cultural**

**José Flávio da Paz
Néstor Raúl González Gutiérrez
Organizadores**



RETEXTUALIZAÇÃO
Educação, interseccionalidade e diversidade cultural

José Flávio da Paz
Néstor Raúl González Gutiérrez
(Organizadores)

Clube de Autores Publicações S/A
Joinville - Santa Caratina - Brasil
2023

Copyright © 2023 – Todos os direitos reservados aos organizadores.

Todos os direitos reservados – a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste livro só é autorizada pelos organizadores. A violação dos direitos do autor, conforme Lei nº 9.610/98 é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Coordenação Editorial: José Flávio da Paz.

Editoração: Casa Literária Enoque Cardozo.

Ficha catalográfica

Retextualização: Educação, interseccionalidade e diversidade cultural – 6º tomo / Orgs.: José Flávio da Paz; Néstor Raúl González Gutiérrez. – Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2023.

155 p.

ISBN 978-85-92872-30-4

1. Educação. 2. Diversidade. 3. Diferença. 4. Pluralidade cultural.
I. Paz, José Flávio da. II. Gutiérrez, Néstor Raúl González.

NOSSO CONSELHO EDITORIAL e CIENTÍFICO:

Carlos André Lucena da Cruz (Estácio-RN/Brasil); Deise Leite Bittencourt Friedrich (IFRS/Brasil); Ederson Luís Silveira (UFSC/SE-Brasil); José Flávio da Paz (UNIR/Brasil); Paula Raphaele Soares Pompeu (Estácio-RN/Brasil); Rafael Ademir Oliveira de Andrade (UNISL/Brasil); Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT/Brasil)



Clube de Autores Publicações S/A - CNPJ: 16.779.786/0001-27
Av. Juscelino Kubitschek, 350 – 2º andar – Centro - Joinville - SC, 89201-100
<https://clubedeautores.com.br/>
atendimento@clubedeautores.com.br

Aos nossos familiares e amigos;

Aos nossos alunos da graduação, da pós-graduação e das inúmeras formações continuadas, em serviço e das ações de extensões por nós, os Organizadores, desenvolvidas;

Aos membros dos Grupos de Estudos e Pesquisas citados nesta Obra; e,

carinhosamente aos citados a seguir, razão do nosso bem-viver e da nossa crença em dias melhores:

Angel Julian Osorio González
Benjamin Kevin Medeiros Brito
Keven Damian Osorio González
Mádson Ribeiro da Silva

Se você perde o seu propósito é como uma máquina quebrada, ela não tem propósito, pois este seria o de funcionar, se não funciona, não existe. Ela tem o essencial de peças para funcionar.

Assim são as pessoas, elas existem por uma razão. Os propósitos são nossas razões de ser, da nossa existência.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

CONTANDO E CANTANDO HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL 17

Lidiane Silva dos Santos

Lucimar Perondi

CURRÍCULO, FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR E
INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR ... 41

José Flávio da Paz

LOBIVAR MATOS: UM POETA ALÉM DE SEU TEMPO . 49

Juliane Regina de Souza Pereira

Isaac Newton de Almeida Ramos

VOZES INSUBMISSAS: O CONCLAMAR DO SERTÃO EM
AS JAGUNÇAS, DE ROMULO NÉTTO 73

Simoni Rodrigues dos Santos

Isaac Newton Almeida Ramos

MAPAS MENTAIS ALFABETIZAR INCLUINDO:
PERSPECTIVAS E APRENDENDO EM SALA DO 1º ANO,
ALUNOS COM/SEM DEFICIÊNCIA 91

Rute Barboza da Silva

Lucimar Perondi

CANTIGAS DE RODA: A SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS
DA EDUCAÇÃO INFANTIL PÓS PANDEMIA 109

Fernanda Oliveira Menezes

Francisca Vanuza Calixto de Oliveira

Itamar Braga Monteiro de Souza

O GÊNERO TEXTUAL CHARGE COMO RECURSO DE
FORMAÇÃO LEITORA E DE INTERPRETAÇÃO
SEMIÓTICO-LITERÁRIA: PERSPECTIVAS E
PROPOSITURAS PARA O 9º ANO 127

Dejane Rolim de Araújo

José Flávio da Paz

PREFÁCIO

Nesta sexta edição, **RETEXTUALIZAÇÃO** traz como subtítulo Educação, interseccionalidade e diversidade cultural, objetivando congregiar textos de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil que abordem tal temática numa perspectiva transversal, científica e humanitária.

Nesse sentido, o primeiro capítulo, intitulado **CONTANDO E CANTANDO HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, de autoria das pesquisadoras **Lidiane Silva dos Santos** e **Lucimar Perondi** versa acerca da importância da prática do tema lúdico e da musicalidade na educação infantil, além de abordar a relevância do mesmo para esse público e para o processo do ensino-aprendizagem, proporcionando o prazer de aprender e a superar dificuldades de aprendizagem, tendo como ferramenta a contação de histórias e a música.

As atividades constituídas por contação e musicalização são de suma importância para o desenvolvimento integral do educando, a música e a dança proporcionam movimentos corporais, que trazem satisfação, alegria e estimulam a plasticidade do cérebro, desenvolvimento cognitivo, motor, estimula lateralidade, distingue conceitos básicos e, quanto mais cedo essa prática seja inserida na rotina da criança, melhor será seu desenvolvimento estudantil com a leitura e a escrita.

Desse modo, coadunamos com as pesquisadoras que a contação de história deve ser exposta às crianças em uma linguagem que as mesmas entendam, que seja clara e de dinâmica para uma compreensão satisfatória.

Segundo as autoras, este aprendizado proporcionado pela música e a contação de história pode

ser direcionado às práticas educativas que contribuirão no sentido de ajudar as crianças a se expressarem e a se socializar melhor.

O pesquisador **José Flávio da Paz**, um dos organizadores desta Obra contribui com o capítulo dois com a temática acerca do **CURRÍCULO, FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR E INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR**. Nesse, segundo seu posicionamento, o currículo escolar deve exprimir o que de mais relevante há - cultural, histórico e social, entre seus agentes e, solidificar esses valores nas praticas pedagógicas significativas que corroborem também com o entorno, com a sociedade e com a inclusão das diferenças, de maneira que prepare os educandos para a cidadania, a convivência, o respeito e solidariedade.

Logo, este capítulo, objetiva refletir sobre a efetivação de um currículo que atenda as necessidades do cotidiano, do mercado e da sociedade, frente às exigências e às transformações do cenário atual, dos quais, a escola não se desassocia e, devendo agir e protagonizar seus agentes e suas diferenças, deficiências e limitações, em especial o aluno. Para tanto, o autor recorreu as concepções de Moreira e Baumel (2001), Popkewitz *in* Silva (1994); Sacristán e Pérez Gómez (2000).

Desse modo, suas concepções colaboram com as ideias que contribuem rumo a uma escola mais inclusiva e uma educação de qualidade, mais justa e equitativa.

O terceiro capítulo, sob o título **LOBIVAR MATOS: UM POETA ALÉM DE SEU TEMPO** da pesquisadora **Juliane Regina de Souza Pereira** e do pesquisador **Isaac Newton de Almeida Ramos**, ambos da Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat, tem o intento de apresentar a produção lírica de Lobivar Matos, assim como, levantar apontamentos sobre os estudos da crítica lírica

desenvolvidos e reflexões sobre esse poeta. Lobivar Matos foi além de poeta, escritor, jornalista e funcionário público; o mesmo teve apenas duas obras publicadas, *Areôtorare*: poemas boróros (1935) e *Sarobá* (1936). Suas obras apresentam uma lírica de estética modernista, um cunho arraigado de criticidade, acidez e sensibilidade no que concerne às discrepâncias sociais de sua época.

Além de se tratar de um dos nomes na escrita pioneira do Modernismo em territórios mato-grossenses, os autores apresentam certas reflexões sobre a importância do manutenção das pesquisas acerca desse poeta, que faz parte de um grupo de muitos outros escritores, de uma certa forma, poucos estudados nas pesquisas e críticas da literatura brasileira.

Utilizaram como *corpus* de análise as obras produzidas e publicadas pelo escritor no início do século XX, têm-se como aporte os estudos dentro da linha de pesquisa Literatura e Vida Social nos países de Língua Portuguesa.

O capítulo, também, é desenvolvido a partir de análises biobibliográfica e analítica; tendo como pilares as teorias e críticas fomentadas pelos estudos literários e da lírica. Antonio Candido (1996) e Alfredo Bosi (1977), ambos utilizados como referencial teórico da pesquisa, além de historiadores da literatura mato-grossense como Rubens de Mendonça (2015), Hilda Magalhães (2001) e Carlos Gomes de Carvalho (2008).

A pesquisadora **Simoni Rodrigues dos Santos** e, conjuntamente, com o pesquisador **Isaac Newton Almeida Ramos**, igualmente da Unemat apresentam no capítulo **VOZES INSUBMISSAS: O CONCLAMAR DO SERTÃO EM AS JAGUNÇAS, DE ROMULO NÉTTO**, um estudo sobre o conto “As Jagunças”, de Romulo Carvalho Nétto.

Tem-se como objetivo reconhecer a presença do feminino em narrativas que enredam o sertão-cerrado, bem como desmistificar a ideia de que o homem seja a figura fundante dessas narrativas.

Nessa perspectiva, por meio de uma revisão sistemática das obras literárias, das obras: O Cabeleira (1876), Luzia-homem (1983), Os sertões (2003), Vidas Secas (2007), Memorial de Maria Moura (2009) e Sertões de Sangue (2013) e dos estudos críticos, de Galvão (1972), Candido (2006), Jauss (1994) e Bourdieu (2012) e Vilalva (2021), foi possível comparar e estabelecer relações entre a mulher e o “mundo jagunço”, contrapondo, com isso, o estereótipo baseado na chamada domesticidade burguesa, pautada no mito da passividade feminina no “mundo do sertão”.

No capítulo MAPAS MENTAIS ALFABETIZAR INCLUINDO: PERSPECTIVAS E APRENDENDO EM SALA DO 1º ANO, ALUNOS COM/SEM DEFICIÊNCIA, as pesquisadoras **Rute Barboza da Silva** e **Lucimar Perondi** dão a devida importância às práticas docentes na sala de aula de primeiro ano “alfabetização”, na vida escolar de uma criança.

Nesse sentido, compactuam com a ideia de que os mapas mentais constituirão as atividades onde alunos deficientes e não-deficientes se relacionaram, com mesma desenvoltura e oportunidade, trazendo o espírito da competitividade, mas também satisfação, alegria, concentração o que instiga e estimulam a plasticidade do cérebro.

Objetivando o protagonismo do aluno no momento da pesquisa, montagem e organização do esquema mental levando a criança experimentar sentimentos, emoções e esforços de naturezas diferentes. Sob uma abordagem humanista a qual foca na autonomia

do aluno estimulando a autonomia, a criatividade e subjetividade são muito valorizadas.

Para tanto, as autoras fizeram uma pesquisa bibliográfica que evidencia a abordagem teoria em: (Castro, 2015), (Buzan, 2009), (Freire, 1996 e 2005), (Corrêa & Aparecida, 2011), (Silva & Paz, 2019), (Moreira, 2006), (Zabala, 2008), que são exímios em afirmar que os mapas mentais são atividades que torna o ensino e o aprendizado uma experiência mais fácil e prazerosa, oportunizando o alunos a buscar, a indagar, a intervir, ou seja, ele educa e se educa.

Assim o fazer “criativo” do alunos será de excelência em um espaço potencial com total significância momento da aprendizagem, pois, este expõe seus pensamentos e possibilidades de ensinar-aprender, a partir do que lhe propícia alegria e satisfação tornando a escola um espaços prazeroso.

Como resultado, acreditam que contribuirão junto à comunidade docente e acadêmica, elencando o mapas mentais uma metodologia ativa de grande valia no processo de alfabetação, porquanto, uma atividade se faz nova e estimulante ao moldar do docente e dos alunos.

No penúltimo capítulo intitulado **CANTIGAS DE RODA: A SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PÓS PANDEMIA**, das pesquisadoras **Fernanda Oliveira Menezes, Francisca Vanuza Calixto de Oliveira e Itamar Braga Monteiro de Souza**, mestrandas da Universidade São Francisco-USF apresentam os resultados do projeto de intervenção pedagógica “*Cantigas de roda: a socialização das crianças da educação infantil pós-pandemia*”.

A atividade relatada neste capítulo foi realizada em uma escola municipal da cidade de Porto Velho-RO, localizada na zona leste da cidade, a princípio com as

crianças da creche de 3 anos e estendendo-se para as demais turmas da Educação Infantil.

O objetivo central foi contribuir com o desenvolvimento da linguagem oral através das cantigas de roda, e os objetivos específicos, contemplou, o aprimoramento da coordenação motora, o contato diário com nossa cultura, a socialização e a interação das crianças com as demais crianças, com os adultos da escola e o estímulo à memória musical.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, mais especificamente a pesquisa-ação, pois permite uma intervenção na realidade levando o professor a refletir sobre a sua prática pedagógica contribuindo para o seu sentido ou rumo.

O estudo teve como embasamento teórico o que preceituam os documentos norteadores da educação infantil, os autores Luckesi (2005), Lopes (2020), Forcioni (2022), Silva e Castro (2016) entre outros. As cantigas de roda são uma valiosa ferramenta na educação infantil, proporcionando diversão, aprendizado e desenvolvimento das crianças através da socialização e a interação.

Fechando esta sexta edição de RETEXTUALIZAÇÃO, a pesquisadora **Dejane Rolim de Araújo**, sob a orientação do prof. Doutor **José Flávio da Paz**, presenteia-nos com o capítulo **O GÊNERO TEXTUAL CHARGE COMO RECURSO DE FORMAÇÃO LEITORA E DE INTERPRETAÇÃO SEMIÓTICO-LITERÁRIA: PERSPECTIVAS E PROPOSITURAS PARA O 9º ANO**, resultante do seu trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas, apresentado no último semestre de 2022 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras, pela Universidade Federal de Rondônia, campus de Porto Velho.

Sua pesquisa destaca a importância do gênero textual “charge” na formação de leitores por trabalhar linguagens verbal e não verbal, interpretação e compreensão de texto, elementos relevantes na formação do sujeito que lê, compreende o meio social. Objetivando destacar o gênero textual como recurso de ensino, nas aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental de classes regulares.

Por meio dos objetivos específicos serão apresentados três pontos relevantes no desenvolvimento das habilidades e competências de leitura e letramento, resultado de experiências realizadas em sala de aula no nível e modalidade supracitados: ampliar os conhecimentos sobre leitura, as práticas de leitura e os processos de letramentos; compreender o funcionamento do gênero textual “charge” e propor abordagens pedagógicas para o uso dessa textualidade fundada em múltiplas linguagens; refletir sobre a importância do trabalho com textos multimodais no desenvolvimento das habilidades leitoras.

Para o desenvolvimento desse estudo, os autores se utilizaram da pesquisa revisional bibliográfica. Tendo o foco na obra de Santaella, (2007. 2012 e 2018), Coelho Netto, (2014), Costa, (2009) e outras referências.

Espera-se, desse modo, contribuir com as práticas docentes, no sentido de possibilitar o alargamento da percepção e o incentivo ao hábito da leitura em seus variados gêneros e suportes.

Boa leitura! Até mais!!

Prof. Dr. José Flávio da Paz-UNIR
Prof. Dr. Néstor Raúl González Gutiérrez-UNAD
Organizadores

Capítulo 1

CONTANDO E CANTANDO HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lidiane Silva dos Santos ¹

Lucimar Perondi ²

INTRODUÇÃO

A oralidade é uma forma que desde a antiguidade transmite a cultura, crenças, experiência e conhecimento de geração a geração, tais referências incrementam o posicionamento da criança no mundo e a construção de sua identidade, desenvolvendo um dos primeiros campos de experiência eu e o outro, que expõe à criança o mundo a sua volta. Essa prática tem sido objeto de pesquisas

¹ Graduada em Letras/espanhol, especialista em Filologia hispânica ambos pela Universidade Federal de Rondônia. Segunda graduação Pedagogia pela UNINTER e especialista em gestão, supervisão e orientação pela FAP, em TEA e AEE pela Poliscivicta. Mestranda em Educação na Universidade Federal de Rondônia;

² Graduada em Pedagogia. Associação de Ensino Superior da Amazônia, Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e Letras de Rondônia - FARO. Especialista em: Psicopedagogia e Educação Inclusiva, pela Faculdade da Amazônia - FAMA. Neurociências e Neuropedagogia na Educação- (cursando), pela Faculdade RHEMA. Cursou com êxito, o curso de Formação em Metodologias, Inovações e Práticas para o Ensino e a Aprendizagem pela Prefeitura de Sobral & Universidade Federal do Ceará. Autora do livro "A professora Idealizada pelos alunos", sendo um livro de Literatura Infantil, pela Estante Mágica.

destinadas exclusivamente à área infantil. Iniciada no século XX, que se atenha ao desenvolvimento emocional, na emoção e cognição das crianças, a literatura destaca-se em um alto status como método de trabalho nesse campo da ludicidade.

Entre as décadas de 30 e 60, os gêneros literários, até então com destaque para as narrativas, aumentaram, aparecendo cartilhas didáticas, gibis, livros informáticos e novas linguagens tecnológicas. Na década de 70, a literatura infantil começou a ser identificada como um benefício objeto/auxiliador para o crescimento intelectual e cultural da criança.

Na segunda metade do Século XX com as novas ideias em torno da criança e de sua aprendizagem, a produção literária infantil brasileira, vem com uma nova fase, que inicia com estas teorias que abrem caminhos para um novo paradigma em relação à criança, pois visam o seu desenvolvimento integral através do lúdico, das brincadeiras, das canções, das imagens, dos jogos, entre outros. Ainda neste período, apareceram o Instituto Nacional do Livro, fundado em 1937, que se incumbiu da tarefa de coeditar, viés convênios, uma grande quantidade de obras infantis e juvenis, que foram utilizadas como materiais para a comunidade escolar, que estavam, à época, bastante preocupados com o baixo índice de leitura (BARROS, 2013). Todas estas experiências ocorridas durante mais de um século, após a mudança da visão acerca da infância, demonstra o quão benéfica é esta ciência – a Literatura - para a formação do ser humano. Produto que se utiliza da palavra, isto é, um dos principais meios de comunicação humano. Pensando em quão benéfica é a leitura e no quanto pode ser lúdica e encantadora ao mundo infantil, a destacamos como ferramenta para descrevê-la na prática pedagógica para

desenvolvimento da aprendizagem baseado em documentos norteadores e alguns autores e práticas desenvolvidas no chão da escola.

A base nacional comum foi renovada e trouxe consigo a reorganização dos cinco campos de experiências que são : 1- O eu, o outro e o nós. As crianças devem interagir entre si e com adultos para criar percepções sobre si mesmas e sobre os outros, 2- Corpo Gestos e movimentos, 3- Traços, sons, cores, e formas, 4- Escuta, fala pensamento e imaginação e 5-Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações. Todos esses campos conversam entre si, no entanto o quarto está ligado à habilidade de desenvolvimento da escuta, alcançando desde os bebês às crianças pequenas, mostrando assim que a contação de história e musicalização é imprescindível . O Estado de Rondônia também atualizou seu referencial curricular onde traz um reforço no mesmo campo de experiência, a fim de garantir esse direito ao desenvolvimento da criança às envolvendo ludicamente à leitura e musicalização.

A introdução da leitura e musicalização na educação infantil é o objeto desse trabalho no formato básico com abordagem qualitativa, que trouxe a importância dessa prática e o quanto pode tornar as aulas prazerosas levando assim ao efetivo desenvolvimento de inúmeras habilidades e fortalecendo o ensino e aprendizagem.

CONTANDO E CANTANDO HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação pode proporcionar à criança desde os primeiros anos de vida, o tempo, espaço e recursos adequados para que possa escolher e desenvolver

interesses individuais e em grupos Santos, (2000, p.43). A ação pedagógica deverá valorizar as oportunidades que surgirem para levar a criança a refletir sobre a realidade, possibilitando-lhe a compreensão das suas desigualdades, contradições e possibilidades de transformação. Nessa visão, o brincar está relacionado à comunicação, expressão, associação do pensamento e ação criadora. Um profissional competente aproveita a motivação lúdica para impulsionar o questionamento construtivo, enquanto processa o produtivo, provocativo, instigador e prazeroso, gerando aula divertida e envolvente. Contar histórias é uma arte que sempre existiu e foi sendo passado de geração em geração, pelas narrativas que avós e pais contavam para as crianças desde que se têm os primeiros resquícios na história dos seres humanos.

A literatura pode fazer parte da vida de uma criança muito antes dela conhecer e ter a habilidade da leitura, para Freire (1994, p. 11), “a leitura do mundo procede a leitura da palavra”, ou seja, a leitura está em todo lugar, não só nos livros. Portanto, a hora do conto e a hora da música são momentos de suma importância para despertar o interesse da criança para a leitura, sendo assim poderão desenvolver a criatividade e a imaginação contando histórias.

As histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que tem papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos recursos e globalização das

informações, a linguagem falada tende a definhar, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só apareceu, como está ganhando força nos últimos tempos. (BUSATTO, 2006, p. 21).

Quanto à música na educação constitui-se como componente curricular obrigatório, após, a implementação da Lei nº 11.769/2008, que instituiu a obrigatoriedade desta na Educação Básica. Compreende-se por Educação Básica: Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nessa perspectiva, a música na educação não tem o propósito de formar músicos, porém, aspira proporcionar à criança o despertar para a linguagem musical e assim, potencializar o desenvolvimento integral, considerando os diferentes aspectos. Sendo assim visando o desenvolvimento integral focamos o planejamento para a contação e musicalização. Portanto, o contar histórias deve ser enriquecido com a vivência que se constrói entre o contador, a história, e a criança. Deve ser uma possibilidade em um embalo de um momento aconchegante capaz de não simplesmente contar, mas encantar, através do mundo mágico das narrativas, inspirar o fantasioso, corresponder às expectativas do ouvinte atento às relações vivenciadas pela criança ou não.

Quando se pensa em contar uma história para uma criança, é importante pensar e planejar como vou usar os vários meios disponíveis, pois o ato de contar uma história

é uma arte, e ela é quem dá o equilíbrio do que a criança ouve e o que ela sente; quando se trata de crianças, é preciso contar com calma, sensibilidade e principalmente com recursos muito dinâmicos. Outras características importantes que devemos observar no momento de contar histórias são os sons e os movimentos, todas as histórias infantis têm seus sons de animais ou até mesmo a fala dos mesmos, ou de pessoas. O contador(professor, pessoa qual a criança tem como referencia), deve prestar muito a atenção nisso e buscar interpretar os sons e movimentos propostos nas histórias, isso vai enriquecer a história, chamar a atenção das crianças, podemos usar nosso corpo para fazer vários gestos e sons, isso também vai instigar a imaginação da criança. Devemos também dramatizar, criar, inventar, se movimentar, trazer imagens, vídeos, e junto com eles usar nosso corpo e mente, sempre lembrando que as histórias infantis devem ter uma linguagem simples e de fácil entendimento. Segundo Abramovich (1989, p. 21-22),

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”. Ou qualquer outra forma que o agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige... “E é

bom saber dizer que a história acabou de jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador...

Não se deve esquecer de que contar histórias em qualquer lugar, em casa, na escola, no parque de diversões, ou até em baixo de uma árvore é imprescindível para o desenvolvimento do lúdico, porém é preciso sentir-se confortável para que possamos realizar a prática com e saibamos utilizar bem os nossos recursos. A história na educação infantil oferece estruturas para encarar os problemas de modo proveitoso e criativo, conduzindo a criança ao um mundo magnífico onde os métodos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são cheias de significados. Segundo Rodrigues (2005, p. 4),

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

A criança sente isso, ela embarca no mundo do conto, um mundo de expectativa, escolhas e possibilidades: alternativas sobre o que fazer diante de uma ampla limitação, possibilidades e recursos criativos para a superação dos problemas e como lidar com os sentimentos. As histórias, contos, fábulas, tem várias funções e importâncias diferentes, tanto na educação infantil quanto em qualquer outra etapa de ensino da educação, os educadores precisam adotar essa prática como rotina diária no dia a dia escolar, tornando a aprendizagem mais dinâmica tendo a certeza de incentivar a formação de seres mais cultos e interessados por literatura desde a infância. Pois a contação de história traz inúmeros benefícios a vida da criança como: transmissão cultural, associação de experiências, incentivo a leitura, estímulo a expressão, utilização de diferentes linguagens, apoio emocional, vínculo afetivo, desenvolvimento cognitivo, e quando é feito em casa antes de dormir, ajuda na qualidade do sono, logo, contar história é uma prática comprovada que colabora imensamente para o desenvolvimento da criança em vários campos.

LEGISLAÇÃO E A AS PRÁTICAS LÚDICAS

Baseado nos documentos norteadores para o desenvolvimento das práticas pedagógicas para melhor desenvolvimento da criança, é indispensável a inserção da prática de contação e música na rotina escolar, tornando os momentos de aprendizagem mais prazerosos. No Brasil temos vários destes documentos norteadores como a BNCC (base nacional comum), cada estado da federação tem como dever a elaboração de seus referenciais que também agregam nortes para o desenvolvimento infantil, que se complementam entre si, com o foco principal lograr

êxito nas práticas postas no chão da escola, e até mesmo para a garantia da oferta a educação no mesmo parâmetro dentro do país.

A base nacional comum, BNCC traz a habilidade de ouvir, contar e recontar história em todas as etapas da educação desde a educação infantil, com o objetivo de desde a primeira infância a criança tenha a possibilidade de desenvolvimento. Conforme o currículo da educação infantil deve possibilitar as diversas articulações e relações das experiências infantis, concebendo a criança como protagonista de sua aprendizagem e desenvolvimento e como sujeito histórico que constrói sua identidade, constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, se apropria e constrói cultura. Com relação aos currículos para a Educação Infantil, as DCNEIs dispõem que, [...] devem garantir que as crianças tenham experiências variadas com diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Neste processo, é preciso valorizar o lúdico, as brincadeiras e as culturas infantis (BRASIL, 2013, p.93).

O PROFESSOR E SEU PAPEL NA INSERÇÃO DO LÚDICO

Segundo SILVA (2009, pag 34):

Seu papel é levar o ouvinte a tornar-se leitor, por isso, além de proporcionar-lhe um entretenimento na hora da contação, presta-lhe também informações sobre o livro onde a história se encontra, o nome de seu autor, a editora que o publicou. [...] O contador é antes de

tudo um leitor privilegiado, que cumpre seu papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos.

A partir desse entendimento sobre o papel do professor contador de histórias, fica mais fácil compreendermos os personagens, as viagens a lugares distantes e tão próximos do real, a sensação do lúdico presente no brincar das palavras de um poema, o carinho da essência das histórias escutadas, lidas e contadas, ajudam as crianças, a compreender o mundo interno e externo a elas. Ou seja, é o início de um processo mágico, proporcionado pela alegria e pelo prazer da leitura de textos literário. Quando a criança ouve uma história, viaja em sua imaginação, percebe que o mundo lúdico está tão presente quanto o mal e o bem. Desperta-o para vislumbrar que existem várias barreiras a serem ultrapassadas, surgindo decisões de solução que permitem que as dificuldades que a vida propuser não será impossível que a vitória aconteça. Todos esses aspectos são itens da vida psíquica da criança, formalizando o método de assimilação. Aquele herói que luta, passando por tanto sofrimento até chegar à vitória, mostra a possibilidade de não desistir diante das dificuldades da vida real e ter ânimo para superar todos os obstáculos que a vida impõe. É isto que a história faz, cria mecanismos para enfrentar os problemas de forma saudável, criativa e dinâmica, levando a criança a um mundo extraordinário, onde os processos vividos pelos personagens e suas aventuras são cheias de

significados. A criança percebe isso, ela “embarca” no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades, opções de atitude a tomar diante da grande dificuldade, estratégias e soluções criativas para vencer os problemas, criando táticas para lidar com as emoções. O conto de fadas é a história exclusiva que de jeito simples e simbólico fala dos danos, da fome, da morte, da ausência, do medo, da renúncia, da brutalidade. Eles têm seus alicerces nas etapas do inconsciente grupal, em sentimentos semelhantes a toda a humanidade, por isso descobrimos histórias muito parecidas em várias culturas pelo mundo. Proporcionar momentos com essas culturas, por meio das histórias contadas, é como viajar sem sair da escola, instigando a curiosidade e a criatividade pela leitura e pelo conhecer o mundo.

Ler histórias para crianças sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeiras, de divertimento... É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática,

que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH,1997, p. 17)

A PRÁTICA MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A **música** inserida no ambiente escolar ativa também outras funções da **criança**, como linguagem, criatividade, raciocínio, sendo realizada em sala de forma prazerosa, transformando o ambiente propício para várias aprendizagens, para um melhor desenvolvimento das **crianças** em seu relacionamento humano. (BNCC, 2020, p. 154).

Existem muitas possibilidades de buscar as contribuições da música no desenvolvimento da criança, uma vez que ela se faz presente em suas vidas antes de sua alfabetização. A música é uma importante ferramenta pedagógica para auxiliar as crianças em seu desenvolvimento. A relação com a música, às vezes, já se inicia no ventre materno e segue no decorrer da sua infância. Nas brincadeiras infantis, as crianças usam a música como forma de expressão e também para estabelecer regras, relações sociais, diversão, alegria e aprendizagem. Esses exemplos dão um breve panorama da importância da música na educação infantil, seja ela escolar ou na família.

A musicalização é um processo de construção do conhecimento que desperta nas crianças o prazer pelas

diversas áreas do conhecimento através da música, contribuindo a mesma na organização da memória, da percepção e do pensamento das crianças, sendo também um instrumento facilitador do processo de ensino aprendizagem sendo uma linguagem muito importante, pois é um meio de expressar sentimentos e ideias. É preciso preocupar-se em relação à formação das crianças, não apenas com o ensino dos conhecimentos sistematizados, mas também com o ensino de expressões, movimentos corporais e percepção (SILVA, 2009). É necessário contemplar e analisar que tipo de contribuição pode ocorrer com o trabalho de musicalização para as crianças, podendo a mesma proporcionar e influenciar a formação do desenvolvimento futuro desses seres humanos (MARTINS, 2004). A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação (BRÉSCIA, 2003).

Os diferentes aspectos que a envolvem, além de promoverem comunicação social e integração, tornam a linguagem musical uma importante forma de expressão humana e, por isso, deve ser parte do contexto educacional, principalmente na educação infantil (UNESCO, 2005). Quanto mais o ambiente sonoro da criança puder se expandir, mais ampla será sua educação musical, ou seja, quanto mais oportunidades a criança tiver de ouvir músicas de diferentes qualidades - do cancionero popular, da tradição cultural, folclore e religiosa da comunidade, música erudita de diferentes épocas e tipos –

mais alimento terá a para a construção de conhecimentos sobre música e para o desenvolvimento de sua capacidade que lhe dará condições de selecionar, do que ouve aquilo que construirá o seu gosto musical. A música na educação infantil facilita a interação da criança com o professor, contribuindo para laços de amizade, desenvolvimento corporal, contribuindo com a metodologia no ensino – aprendizagem. Além de contribuir para a integração da sensibilidade e da razão, colabora com a comunicação, expressão corporal e socialização, estimula a concentração e a memória, atua no desenvolvimento dos dois hemisférios do cérebro, ativação dos neurônios, desenvolvimento motor e social, auxilia no processo de aquisição da linguagem, estimula a autoestima, desenvolve o controle do corpo e expressividade e coordenação rítmica, diferença no gosto musica na fase adulta, aumenta o repertório cultural, constrói memória com a família, amigos além de ser uma ótima forma de brincarem e divertirem-se.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MÚSICA

Por volta do início do século XX, surgem os métodos ativos de: Declory, Montessori, Dalton e Pakhurst, eclodindo a nova escola. Esses pensadores reconhecem a música como um dos principais recursos didáticos para o sistema educacional, reconhecendo o ritmo como um elemento ativo da música, favorecendo as atividades de expressão e criação. Para Maria Montessori as crianças gostam de aprender, ela desenvolveu muitas ideias na época que hoje são aceitas sem restrições. A pesquisa de Maria provou que as crianças passam por um período mais sensível dos 2 anos e meio aos 6 anos, e durante essa fase sua mente é receptiva à aprendizagem de

forma diferente da de qualquer outra faixa etária. Os materiais que ela desenvolveu e o ambiente que criou davam-lhes uma oportunidade de ganhar independência e capacidade de reflexão mesmo com tão pouca idade

É sabido que a prática de contação de histórias e musicalização desde a primeira infância traz inúmeros benefícios ao desenvolvimento da criança, abrangendo todos os campos de experiência contemplados na base nacional comum. A música na educação infantil estimula a concentração e a memória, contribui para a integração da sensibilidade e da razão, colabora com a expressão corporal, comunicação e socialização. A contação de história por sua vez desenvolve a criatividade, a imaginação o gosto pela leitura e linguagem, despertando assim o lado lúdico, característica indispensável para seu desenvolvimento, destacando ainda que tanto a música quanto a contação de histórias propiciam momentos de muita diversão. A união destas duas ferramentas de aprendizagem, alça novos voos ao desenvolvimento amplo da criança. O ouvir traz o desenvolvimento da criatividade, imaginação e estimula a plasticidade do cérebro unida a musicalização, contar uma história cantando, enriquece o conto, trabalha o equilíbrio, pois a música mexe o corpo, ajudando assim, com o desenvolvimento motor, lateralidade, noção de espaço, tempo e conceitos. A cada música cantada que traz dentro dela uma história enriquece o vocabulário da criança, promove um momento de diversão e fortalece o vínculo entre colegas, professor e demais envolvidos nesse processo no âmbito escolar. Em casa, a família que adota essa prática, além do fortalecimento afetivo, traz consigo o enriquecimento cultural, indispensável para que as gerações futuras possam usufruir do acervo de memórias que cada família carrega, quanto mais cedo essa prática for

ofertada a criança, melhor seu desenvolvimento cognitivo e até mesmo psicológico, pois crianças que têm a oportunidade de serem estimuladas com músicas, contação de histórias tornam-se adultos com boa oralidade e seguros de si, pois tiveram a participação efetiva da família em sua formação. As memórias construídas a partir desses momentos de fortalecimento de vínculo, proporcionarão para esse futuro adulto, uma melhor compreensão do mundo de modo geral e do seu mundo, tornando a união das duas ferramentas, contar e cantar histórias, indispensável no processo ensino aprendizagem e formacional desse leitor em ascensão.

Outro detalhe importante dessa adoção da prática de musicalização na educação infantil é que desenvolve vários campos de experiência, a criança que é exposta e estimulada por meio da música desenvolve a aprendizagem de forma prazerosa e independente, serve de base para o desenvolvimento de um adulto com uma oratória para público.

Segundo Teca (Ferramentas com Brinquedos - A Caixa de Música, 2014)

O fazer musical é um modo de resistência, de reinvenção (questões caras ao humano, mas ainda pouco valorizadas no espaço escolar) que, ao mesmo tempo, fortalece o estar juntos, o pertencimento a um grupo, a uma cultura. O viver (e conviver) na escola - espaço de trocas, de vivências e construção de saberes, de ampliação da consciência - deve, obviamente, abarcar todas as dimensões que nos constituem,

incluindo a dimensão estética." A experiência musical em si mesma, com a carga de possíveis que traz consigo e que propicia, deve bastar para justificar sua inserção nos territórios da educação.

A música quando utilizada em sala de aula na educação infantil, desenvolve diferentes habilidades como: o raciocínio, a criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética, além de desenvolver a linguagem oral, a afetividade, a percepção corporal e também promover a socialização.

METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é ratificar a importância das práticas lúdicas na educação infantil, destacando as práticas de contação de história e musicalização a partir de uma abordagem qualitativa, sendo em dois momentos complementares entre si, onde o início será destinado à pesquisa e leituras bibliográficas que endossam a pesquisa. Com o desenvolvimento das visitas e acompanhamento das aulas do estágio, foi observado que há maior participação, envolvimento, e melhor aproveitamento da aprendizagem das crianças quando as práticas pedagógicas são de cunho lúdico. A metodologia aplicada neste trabalho é a bibliográfica, pois vem com a propositura de afirmar a transcendência da prática de envolver as crianças no ouvir e até mesmo recontar a história. Histórias despertam interesses, expectativas, emoções. Ouvir e contar histórias destaca a cultura local, valores e conhecimento que muitas vezes são passados de pai para filho, de geração a geração, segundo Cléo Bussato

(2003,p.9) “ A arte de contar histórias traz o contorno, a forma, reatualiza a memória e nos conecta com algo se perdeu brumas do tempo.” A contação de histórias é um recurso bastante amplo, porém existem muitos profissionais que não utilizam e aproveitam estes, e acabam utilizando sempre as mesmas técnicas ou nem utilizando-as; muitas vezes, acabam somente lendo as histórias para os educandos, segundo Cléo Busatto (2003, p. 10). Oportunizar a leitura de histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete aquela figura ancestral, que ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade. Na contação de histórias, deve-se criar, enfatizar o lúdico, explorar os recursos disponíveis e principalmente vivenciar a história contada, trazendo os ouvintes para o mundo desta. A contação de histórias é uma forma lúdica de transmissão de conhecimentos e um poderoso estímulo à imaginação. Por auxiliar no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças, se destaca como uma importante aliada da educação infantil. Sabemos que existem três níveis de leitura. Primeiro é o tato, quando são bem bebês até a primeira infância, o prazer de tocar o livro com o papel agradável, com ilustrações, figuras e planejamento gráfico caprichado, o formato algumas vezes plásticos, sonoros despertam a curiosidade. Depois vem o emocional é aquele em que a fantasia e a liberdade das emoções mostram o que ele faz e o que provoca em nós, por último o nível racional que pode estar ligado ao plano intelectual da leitura. As contribuições de uma contação de histórias são distinguidas como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e absorção dos

significados, assim como no desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo narrador, contador, por meio de seus comentários e problematizações destacadas na contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico. Evoluindo como criança e construindo um adulto com pensamento crítico formado. Os professores precisam reconhecer a importância de contar histórias na Educação Infantil, essa prática instiga a imaginação da criança, e torna o aprendizado e o educar muito mais fáceis e nos apropriarmos dessa ferramenta. É preciso também estar ciente da caracterização para se contar uma história, é importante utilizar recursos ou até mesmo o contador se caracterizar, para que essa prática seja mais atraente e prazerosa para as crianças. Se o professor quiser ampliar ainda mais o leque de possibilidades de recursos lúdicos para narrar histórias poderá pesquisar sobre o uso e confecção de aventais ou tapetes para contação; teatro de sombras, de fantoches, de marionetes e de dedoches. Pode propor para as crianças que eles próprios recontem as histórias escutadas nas rodas em forma de teatro – seja o clássico com cenários, falas memorizadas e figurinos ou no formato simplificado de fantoches, marionetes e dedoches essas estratégias permite que as crianças de 3 anos de idade, se apropriem, de maneira crítica e imaginativa, dos conteúdos históricos, sociais e culturais presentes nas obras literárias.

É importante sempre lembrar que contar histórias não é apenas ler ou falar para as crianças, deve-se tornar esse momento mágico. Também é importante o docente analisar o público que irá ouvir sua história, para que assim possa se preparar melhor, outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início deste trabalho trouxe inúmeras dúvidas sobre qual tema adotar para pesquisar, no entanto no desenvolvimento do estágio presencial em contato com as crianças, foi visível é imprescindível o encantamento pelo mundo da imaginação que a música e a contação de história proporciona às crianças no momento das aulas, um verdadeiro mergulho na ludicidade. Segundo o site Transformar há inúmeros benefícios para a criança vivenciar essa prática de contação de histórias: Antes mesmo de vir ao mundo, o bebê já demonstra que reconhece vozes e possui sensibilidade à própria entonação. Dessa forma, não é surpresa alguma que a contação de histórias apresenta benefícios importantes para o desenvolvimento da personalidade da criança em diversos aspectos: **Emocional** – a história permite que a criança dê um nome às emoções dos protagonistas e aprenda a entender as próprias emoções. **Relacional** – a criança se acostuma a perceber as ações e emoções dos protagonistas e estimula a empatia. **Cognitivo** – desenvolve a criatividade, expandir a memória, fortalece as habilidades lógicas e ajuda as crianças a exercitarem suas habilidades de resolução de problemas. **Linguístico** – estimula o desenvolvimento da linguagem e a organização do pensamento, além, é claro, de ensinar novas palavras. **Lógico, favorece** a memória e o espírito crítico. **Social** – a criança cria o hábito de ouvir, ampliando a capacidade de atenção ao que está em sua volta e aprende mais sobre coletividade e cidadania. **Cultural** – uma história ensina muito, como moral, tradições e palavra. Entender como a música e a contação de história pode mudar o mundo infantil e estimular a imaginação das crianças para

um mundo onde só elas têm a chave que as levam e as trazem de volta para a realidade. É surpreendente e fantástico mergulhar nesse mundo de imaginação. Como educadores, cabe a nós o ônus de planejar para propiciar oportunidades de expansão do conhecimento das crianças, de forma prazerosa, e buscando levá-los ao mundo da imaginação. Neste trabalho trouxemos dados básicos para sobrepajar o quanto a musicalização e a contação de história na educação infantil é de suma importância e mostrar o quanto traz benefícios com o desenvolvimento cognitivo. Ouvir histórias provoca nas crianças emoções como a alegria, tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, entre outras; isso é muito bom para estimular o imaginário e até fazer com que a criança crie ou conte suas próprias histórias, De acordo com Carvalho (2010, p. 26), “a contação de uma história deve ser um momento de fantasia e êxtase”. A criança (até mesmo o adulto) deverá sentir, naquele instante, que está encontrando um novo caminho. Algo que lhe ofereça uma possibilidade de ver a vida sob um novo prisma”. Devemos contar histórias para as crianças desde bebês, ou até mesmo antes do nascimento, contar histórias é um ato de amor e envolve vários outros sentimentos, porém a mãe pode transmitir esse amor para seu filho mesmo ele ainda estando no seu ventre. Muitas vezes, acredita-se que não se deve contar histórias para bebês pois ainda não falam, não entendem, não são totalmente desenvolvidos. Muito pelo contrário, os bebês ainda estão em desenvolvimento e as histórias são fundamentais para isso, é importante que durante a contação de histórias para essa faixa etária sejam utilizadas imagens, músicas, fantoches, palitoches etc. E o contador deve chamar a atenção de seu público através de gestos e tendo uma fala suave que acompanhe a história. Para

Kramer (2010, p. 34), “a importância da convivência das crianças com a literatura desde o berçário, ou seja, a premissa de que a oralidade pode anunciar o prazer da leitura e, portanto, o papel do contador de histórias é dos mais fundamentais na alfabetização” Para ser um contador de histórias infantis o professor precisa ser dinâmico, criativo e entender algumas técnicas para que o ouvinte se prenda ao mundo da imaginação e voe longe. O mesmo pode adquirir técnica através de pesquisas, mini cursos, palestras e possível um curso de teatro, pois quando contamos histórias precisamos interpretar as histórias, e gostar de ler para buscar textos interessantes, buscar vídeos que ensinam as técnicas voltadas para contação e cantos de canções que tragam valores e desenvolvam interação, socialização, coordenação motora, lateralidade, enfim, tragam benefícios às crianças .Este estudo expõe as formas de incentivo ao professor para desempenhar seu trabalho de contador de histórias infantis e inserção de música, de modo positivo, explorando a ludicidade. Existem atividades que o professor pode realizar em sala de aula nos momentos de contação das histórias como: Utilizar músicas, caracterizar-se do personagem principal das histórias, criar ambientes com muita criatividade e magia para tornar o ambiente mágico para as crianças que estão ouvindo a história. Com isso concluo este trabalho esperando que seja útil aos leitores que venham utilizá-lo como fonte de pesquisa, para ampliar seus conhecimentos.

REFERENCIAS

- ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2003.
- BUSATO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI.** Petrópolis, RJ: 2006.

- COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo, 2002. Editora Ática.
- BRÉSCIA, V. L. P. Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Nova York: Continuum, 1994
- LAKATUS, E.M.; MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARTINS. Fontes, Pensamento e Linguagem. Tradução por Jeferson L. Camargo. São Paulo, 2004, P. 125.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. Brasília, MEC.
- VIGOTSKI, Lev S. **La imaginación y el arte en la infancia** México: Hispánicas, 1987.
- SANTOS, Élia Amaral do Carmo ; JESUS, Basiliano do Carmo de. **O lúdico no processo ensino-aprendizagem**. 2010.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2003.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. (org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: vozes, 2001.
- SILVA, João Da Mata Alves da. **O lúdico como metodologia para o ensino de crianças com deficiência intelectual**. 2010.
- BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2020
- BRITO, Teca Alencar de. **Ferramentas com brinquedos: a caixa da música**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set.

Retextualização: Educação, interseccionalidade e diversidade cultural

2010. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/22/uma-boahistoria-um-bom-contador-uma-crianca-e-a-imaginacao-caracteristicas-da-contacao-de-historias>.

Capítulo 2

CURRÍCULO, FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR E INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR

José Flávio da Paz ³

INTRODUÇÃO

Etimologicamente, no grego a palavra “curriculum” que significa caminho ou trajetória, fazendo referência a um percurso formativo escolar, sendo acrescido das suas vivências e aprendizagens significativas que mobiliza o autor para a condição de partícipe de um processo social produtivo/construtivo.

Logo, pensar o currículo escolar é reconhecer que se trata de “uma imposição do conhecimento do ‘eu’ e do mundo que propicia ordem e disciplina aos indivíduos. A imposição não é feita através da força bruta, mas através da inscrição de sistemas simbólicos de acordo com os quais a pessoa deve interpretar e organizar o mundo e nele agir.” (POPKEWITZ *in* SILVA, 1994, p. 186)

As discussões acerca do currículo escolar, sobre o que ensinar, como, quando, a quem ensinar e outras mais, surgiram no século XIV, quando da chegada dos Jesuítas

³ Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Pós-doutor em Educação-UniLogos/Estados Unidos; Pós-doutor em Psicologia-UFLO/Argentina; Doutor em Estudos Literários-Unemat; Mestre em Letras-Unimar; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Especialista em Educação Inclusiva-UNICID; Graduado em Letras-UFSC. CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfpaz@unir.br.

em terras brasileiras; e, posteriormente subsidiadas pelas tendências da que direcionavam para a aplicação da “Didáctica Magna” ou Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos (1657), de Amós Comenius (1592-1670), para o Ocidente, cujas pretensões eram sistematizar o *modus operandi* de ensinar e aprender.

No Brasil e no mundo, diante das transformações políticas e socioeconômico-culturais, os dois últimos séculos, trouxeram algumas definições acerca das concepções das teorias do currículo, como sendo: as tradicionais, baseadas nos processos mecanicistas, fabris e nenhum pouco preocupada com a humanidade do ser humano; as críticas, surgidas na década de 60 do século passado que tinham como base a mobilização social e a organização cidadã; e, as pós-críticas pensadas a partir da preocupação com as discussões atuais em torno da vida do homem em sociedade, suas diferenças e limitações. (FREIRE e VIEIRA, 2019, p. 6-7)

Foram ainda, constituídos alguns tipos de manifestações de currículo escolar, também denominados de níveis de currículo escolar, a fim de distinguir conteúdo, formas de trabalho, organização e seleção pedagógica de cada um deles, a saber: formal, real e oculto. (ARROYO, 1999, p. 46)

Portanto, baseando-se no exposto e conscientes das adversidades que assolam a sociedade na atualidade, objetiva-se, ainda que brevemente, refletir sobre o currículo escolar na escola que se pretende inclusiva e sua adequação ao desenvolvimento de competências para a vida prática, bem como os novos modos de pensar, (con)viver e (inter)agir no espaço escolar decorrente do avanço e disseminação das tecnologias de informação e comunicação, contextualizando os conteúdos planejados trazendo-os para a realidade do educando, não deixando

de reconhecer as desigualdades sociais, as diferenças religiosas, de gêneros, as etnicidades e outras existentes no interior das escolas e das sociedades.

A ESCOLA, SEU INTERIOR E SUA DINÂMICA

Sustententados no percurso traçado, faz necessário que reflitamos sobre a escola e sua função social que deveria a promoção e o desenvolvimento do cidadão proporcionando-lhe oportunidades de participação na vida política, econômica e social da sua comunidade e do País.

Frente a isso, o professor e os demais agentes escolares têm um importante papel a desempenhar nas políticas e nas práticas educativas escolares. Não esquecendo que a melhor maneira de ensinar-aprender é aquela que tem o exemplo como modelo a ser seguido. Embora, o currículo escolar seja “uma coleção de sistemas de pensamentos que incorporam regras e padrões através dos quais a razão e a individualidade são construídas. As regras e padrões produzem tecnologias sociais cujas consequências são regulatórias.” (POPKEWITZ *in* SILVA, 1994, p. 194)

Ou seja, a depender dos interesses dos gestores públicos, mesmo os intelectuais da educação estarão sujeitos a determinações, recebendo com frequência uma sobrecarga de atribuições, de maneira que sequer consiga momentos de reflexão, autorreflexão, autorregulação, autocrítica, autoformação e, ainda, a autonomia ditada como necessária para que se constitua reflexo para alguns. Afinal, “A autonomia da escola e dos docentes é gerenciada e está vinculada ao papel social e político da educação. A autonomia democrática deve ser originada na participação, cooperação e parceria e necessita oportunizar as vozes dos

docentes e da comunidade, sem que haja monitoramento e controle.” (HAMZE, 2023)

Para que esta relação seja bem sucedida é necessário que o professor reconheça a importância da formação continuada, tornando-se um profissional responsável e comprometido com a tarefa educativa, cujos investimentos na sua formação seja refletida no processo inovador e na reconstrução da sua prática pedagógica mediante um trabalho crítico-reflexivo e cooperativo, tendo como receptor maior, o discente.

Desse modo, torna-se, nesse instante, extremamente importante que o educador reconheça os contextos educacional, sócio-econômico e político que atravessa o Brasil, assim como perceba a influência estrangeira na educação brasileira em geral e no campo do currículo, em especial. Pois, diante desse cenário, a educação pede um professor capaz de exercer sua profissão correspondendo a essa nova realidade da sociedade, do conhecimento, dos meios de comunicação e tecnologias.

POR UMA ESCOLA INCLUSIVA E DE RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

Devemos buscar o companheirismo e a unidade em prol de temas comuns e que assolam a sociedade atual. Promover uma escola inclusiva, acessível e permanente para todos, consolidando a educação como prática libertadora.

Para isso, é necessário repensar os currículos escolares que desde o início da história do Brasil ignora o local e ressalta os interesses dos gestores que criam políticas educacionais que apenas integram os alunos, mas de fato não os incluem na vida escolar.

Por esse motivo, devemos revisar os currículos escolares de forma a permitir que os conteúdos sejam compreendidos e emergidos pelos alunos, deixando de ser apenas uma reprodução de saberes. Nesse sentido, a questão interdisciplinar deve ser valorizada, considerando que essa iniciativa consiste na compreensão das diversas leituras que o aluno e o professor fazem acerca de um determinado assunto como dois pólos, antes extremos ou antagônicos, agora passível de reflexão e, portanto, nova leitura e compreensão, desmistificando a ideia de que currículo indica a matéria ou disciplina a ser estudada pelo aluno.

Um currículo inclusivo envolve atividades político-pedagógicas que contribuam para a melhoria da sociedade em geral, sendo necessário pensar a interdisciplinaridade, a adaptação e a flexibilização curricular, uma vez que o currículo se abra para mudanças e seja permeado de ações concretas, permitindo a contextualização com a realidade e situações psico-socioculturais dos alunos.

Nesse sentido, a contextualização compõe elemento essencial da transposição didática e isso acontece através da valorização das riquezas trazidas pelas experiências de vida do aluno para a sala de aula, seus relatos, suas vivências os quais são imprescindíveis para que o ato de ensinar-aprese se efetive no interior das escolas.

Ressaltando ainda que:

Historicamente, deficiência e diferença foram concebidas como sinônimos, fazendo com que não se distinguisse limitações próprias da deficiência de limitações construídas socialmente. Assim, as pessoas com necessidades especiais foram consideradas

naturalmente incapacitadas e passaram a fazer parte das chamadas minorias sociais, que, estigmatizadas, são segregadas, tal como os índios, os negros, as mulheres, as classes populares. (MOREIRA e BAUMEL, 2001, 3),

Diante disso, das crescentes modificações sociais e do cenário competitivo do mundo globalizado, faz-se necessário (re)pensar no currículo contextualizado a adaptabilidade que valorize a pessoa com deficiência, inclusive por meio das tecnologia assistiva e da comunicação, ainda que tenhamos nessas, expressões novas, abertas a novos conceitos, a tecnologia assistiva, em especial, remonta primórdios da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a escola inclusiva deve redescobrir as práticas pedagógicas elaborando um currículo que valorize o programa político pedagógico voltado para a comunidade e as relações sociais, no qual o educador e educando constroem seus processos de aprendizagens através do diálogo transformando a escola em um lugar para todos.

(Re)pensar o currículo é atentar para a melhoria da comunidade, do ser e do estar no interior da escola, empreitando iniciativas que valorizem as vivências dos alunos, suas culturas, compreensões e leituras do mundo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Pobreza e Currículo**: uma complexa articulação. Disponível em: <http://egpbf.mec.gov.br/modulos/mod-4/saibacurriculos.html> Acesso em: 05 jan. 2023;
- FREIRE, Maria Geiza Ferreira et al.. **Reflexões sobre o currículo**: das teorias tradicionais às teorias pós-críticas. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62433>. Acesso em: 05 jan. 2023;
- HAMZE, Amélia. **Autonomia docente como pano de fundo**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/autonomia-docente-como-pano-de-fundo.ht>. Acesso em: 05 jan. 2023;
- MOREIRA, Laura Ceretta; BAUMEL, Roseli C. Rocha de C. Currículo em educação especial: tendências e debates. In. **Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, p. 125-137. 2001;
- POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulação social e poder. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

Retextualização: Educação, interseccionalidade e diversidade cultural

Capítulo 3

LOBIVAR MATOS: UM POETA ALÉM DE SEU TEMPO

Juliane Regina de Souza Pereira ⁴
Isaac Newton de Almeida Ramos ⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve análise sobre os estudos da poesia de Lobivar Matos e reavivar essas pesquisas sobre uma das vozes da lírica modernista arraigada de uma estética lírica bem elaborada. Os poemas de Lobivar Matos constantes nas obras *Areôtorare: poemas boróros* (1935) e *Sarobá* (1936) demonstram o poder significativo da produção lírica desse escritor. Tais produções poéticas são apresentadas em forma de denúncia social, sendo que podem ser colocados entre os escritos da primeira fase do Modernismo brasileiro. As criações líricas de Lobivar Matos trazem, em sua essência, representações do universo social de sua experiência. O poeta recorre à denúncia do marginalizado, apresentando certas “revelações” deste tipo de estigmatização social por meio de representações figurativas em suas tessituras poéticas.

⁴ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). E-mail: pereira.juliane@unemat.br

⁵ Professor Dr. pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). E-mail: isaac.ramos@unemat.br

A poesia de Lobivar Matos tem uma relação intrínseca com o Modernismo brasileiro, tendo sido influenciado pelos movimentos de Vanguarda; esses, também, experienciados em Mato Grosso, como novos paradigmas de ruptura da forma fixa e a representação do panorama no contexto sociocultural de sua época. A concepção de que os fatos sociais e culturais determinam e são determinadas as/pelas obras artísticas é apontada por Antonio Candido, que define a posição do artista como:

[...] um aspecto da estrutura da sociedade (...) importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social, o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados. (CANDIDO, 2006, p.34).

Há na literatura brasileira, manifestos literários que mudaram a forma com que cada indivíduo interpreta a realidade e como a encara. Como o caso do Modernismo. O período de transição entre os séculos XIX e XX foi marcado por grandes descobertas, evoluções tecnológicas, o homem quer viver bem e confortável, este é o período da *belle époque*. Encontra-se, então, um momento de êxtase do progresso industrial e os avanços dos estudos científicos sofre um choque com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), aumentando as rivalidades internacionais, crise

na Europa, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O século XX foi também a terceira fase da revolução Industrial e o da conquista espacial.

Todos esses momentos da história transformaram, tanto o mundo, como também o modo de vida e de pensar das pessoas. Tudo isso contribuiu com certas condições para o surgimento de diversas tendências artístico-culturais que se refletiram no Modernismo: Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo.

Para Gilberto Mendonça Teles:

As ideias filosóficas e sociológicas, bem como o desenvolvimento científico e técnico da época, contribuíram para a inquietação espiritual e intelectual dos escritores, divididos entre as forças negativas do passado e as tendências ordenadoras do futuro, que afinal predominaram, motivando uma pluralidade de investigação em todos os campos da arte e da literatura. Daí o nome da vanguarda para caracterizar o período literário que se estende dos últimos anos do século XIX. (TELES, 1997, p. 97).

Nas vanguardas europeias do século XIX nasceu o “espírito novo”. Na época, houve uma grande inquietação dentro das elites das ciências e da indústria, como também, das artes e letras. Este espírito novo foi gerado ao grande “rebuliço” das cidades, em meio às revoluções industriais e tecnológicas. O movimento estético modernista provém do berço parisiense, e depois, alastra-se para o mundo.

O Brasil se encontrava, depois da Primeira Guerra Mundial, em uma ligação mais estreita com o Ocidente europeu. As vanguardas artísticas europeias tiveram um grande efeito, pois as agitações sociais trouxeram considerável nível de consciência literária, inspirações populares e muitas produções artísticas e literárias. A Semana de Arte Moderna aconteceu um mês depois da chegada de Graça Aranha da Europa, em novembro de 1921, “tudo leva a crer, portanto, que os nossos primeiros modernistas, de olho vivo nos últimos acontecimentos literários de Paris e compelidos – talvez até pelo próprio texto de Apollinaire – a lutar por uma literatura nacional, acabassem por negar as origens estrangeiras da renovação que pregavam.”. (TELES, 1997, p.32)

Assim, o movimento modernista, ou a literatura em si, é considerado retrógrado pelos estudiosos da literatura mato-grossense, devido às distâncias das grandes cidades com o estado, mesmo com o progresso da comunicação entre as cidades, a comunicação era precária. Devido a isso as ideias de estilo modernista apareceram tardiamente em Mato Grosso.

A LÍRICA MODERNISTA EM LOBIVAR MATOS

Sabe-se que a arte está ligada às sensibilidades, na qual suas raízes se fundem na filosofia, gerando a objetividade requerida pela nova estética. O poeta Lobivar Matos é considerado um modernista por excelência, foi contrário às imposições feitas pelo academismo, à época do Parnasianismo. Propagava a liberdade de criação, o desprendimento das amarras da versificação.

Segundo Bosi em *O ser e o tempo da poesia*:

trata-se de falar sobre a fala, poetar sobre a poesia, medusar-se no signo, são tendências fortes do espírito moderno que, no limite, como ensinou Hegel, bloqueariam o discurso representativo e emotivo. Na verdade, não o fazem de todo por mais que o tentem. A dialética que pulsa na vida da poesia não é diferente da dialética social: como esta, não supera sem conservar. (BOSI, 1977, p. 61)

Ainda que tardiamente, já beirando os meados do século XX, o Modernismo não havia se afirmado, ainda, na produção literária de Mato Grosso. Apesar de haver manifestações em periódicos, ainda não foram suficientes para alçar o devaneio de Lobivar Matos, onde seus parceiros de caneta engajariam nas linhas de cunho estético modernista. De um ritmo mais liberto, livre das amarras da padronização das métricas, todavia, ao mesmo tempo centrado, crítico e sensato com os paradigmas da sociedade.

Através da Revista *Pindorama*, em 1939, foi que o movimento chega ao estado. Fato observado por Rubens de Mendonça, que relata que o poeta Lobivar Matos vinha alertando sobre o “atraso” literário do estado. Em suas palavras o fundador de *Pindorama* recorda que o poeta bororo⁶, o fez observar o atraso dos acadêmicos mato-

⁶ *Poeta bororo*: designação dada por Rubens de Mendonça em *História da Literatura Mato-grossense*. (2015, p.175). O historiador chama Lobivar Matos de poeta bororo, cuja obra intitulada *Aretotorare* é conhecida entre os literatos mato-grossenses como “poemas boróros”. “Areôtorare”

grossenses e exclama: “De fato, a observação do poeta é exata. Não digo que ainda não chegaram ao Romantismo. Isto, de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nem um milímetro. Isto sim.”. (MENDONÇA, 2015, p. 175)

Há de se dizer que há fatores que contribuíram para a não modernização das letras mato-grossenses. Na conferência “O Sentido da Literatura Mato-grossense”, no centro Mato-grossense no Rio de Janeiro, 1936, José de Mesquita falou sobre a problematização da literatura mato-grossense:

o sentido da literatura mato-grossense (...) tem dois aspectos característicos, que o definem e completam — o da bravura e o da melancolia, decorrentes ambos de circunstâncias históricas e mesológicas, que criaram para Matto-Grosso uma feição toda peculiar, dado o seu isolamento geográfico e a sua imensidão territorial. (MESQUITA, 1936, p. 5)

Marinei Almeida (2012, p.36) reforça dizendo que “Quando ‘Pindorama’ apareceu, formulou uma profissão de fé compatível com o mundo contemporâneo”. Apesar da *tentativa* de moldar a estética modernista na literatura mato-grossense, a revista *Pindorama* não obteve tal resultado. Mas deixou como herança a semente desta sede de mudança, desta renovação nas letras mato-grossense e a busca de seu reconhecimento nos grandes centros do país.

significa, na cultura indígena dos bororos (povo indígena de MT), “o índio sábio da tribo”.

Somente dez anos após o surgimento de *Pindorama*, precursora das literaturas modernas, que ressurgiu uma revista com a proposta de fundamentar o modernismo em Mato Grosso a revista *O Arauto de Juvenília*, que também teve seu insucesso devido à implantação das literaturas modernas. Em seu texto inaugural “Meu Nome”, Wladimir Dias-Pino se apropria de figuras de linguagem⁷ que justificam o nome da revista. A prosopopeia é figura de linguagem que personifica seres inanimados, dando-lhes atributos humanos, como falar, comer, pensar. Neste caso, a própria revista ganha o poder de se introduzir na circulação literária modernista do estado. A revista toma posição de um protagonista que, de forma subjetiva, faz uma apresentação dela mesma e de forma direta: “Chamo-me ‘O Arauto de Juvenília’. Já se vê que sou um nome composto oriundo de duas línguas distintas”. (DIAS-PINO, 2012, p.37)

Apesar de ter tido apenas oito publicações, não significa que a revista não obteve êxito na implantação da literatura moderna no estado, pelo contrário ela preparou território para que Wladimir Dias-Pino e Rubens de Mendonça, em conjunto, lançassem, como continuidade do movimento, a revista *Sarã*. Em seu texto inaugural a revista afirma ser a continuidade da revista *Pindorama*, paralelo a *Sarã* é lançada a revista *Ganga*, 1951, com o título “Certidão de Nascimento” e o total de quatorze publicações. Seus fundadores: Rubens de Mendonça, João Antônio Neto e Agenor Ferreira Leão.

⁷ “Denominamos figuras de linguagem os elementos frasais que exploram o sentido conotativo de uma palavra ou expressão, realçam a sonoridade ou até desviam-na da norma culta. O objetivo desses procedimentos é buscar uma forma mais expressiva na codificação e decodificação da mensagem.”. (REIS, 2003, p. 306).

A revista não pretendia inaugurar o já existente caminho trilhado nas estéticas modernistas, mas surgiu com o intuito de amadurecer o movimento proposto nas revistas antecessoras a ela. *Ganga* possuía confluências estéticas que “conviviam” de maneira harmoniosa entre os escritores tradicionais e os inovadores. Contrapondo às intenções de *Sarã*, onde seu principal enfoque era a produção de ideias novas, modernas e inéditas. Com Manifesto do Intensivismo, o porta-voz de *Sarã*, Wladimir Dias-Pino, afirma que o Modernismo já havia esgotado, nega a existência da revista *Pindorama* e demais movimentos. O manifesto priorizava a manifestação de caráter individual do poeta, seu subjetivismo. Apenas escritores como Lobivar Matos e Pedro Medeiros ficaram de fora das palavras agressivas e um tanto ofensivas proferidas em *Sarã*.

Para a instauração do Modernismo em Mato Grosso, fora necessária a persistência dos dedicados às Letras mato-grossenses, o empenho para a imposição a Literatura e o seu reconhecimento em todo território nacional. Esforço translúcido nas cartas trocadas entre Lobivar Matos e Gervásio Leite, nos recortes de Rubens de Mendonça em *História da literatura mato-grossense*, onde Gervásio Leite responde a Lobivar Matos por meio da Revista *Pindorama*, sobre o manifesto que acontece em Mato Grosso sem muito impacto comparado aos grandes centros. Sobre estas dificuldades, sobre a escassa repercussão e o atraso (ou o descaso da mesma, ignorada pelos modernistas dos grandes centros) nas literaturas mato-grossenses. Gervásio Leite pontua em resposta ao seu conterrâneo – Lolito se trata de Lobivar Matos – que se encontra em estadia no Rio de Janeiro:

Lolito, você tem razão. Os bororos também falam ou, pelo menos, estão aprendendo a falar. É que ainda falamos uma língua estranha, que não sendo bem a língua portuguesa, não é também castelhana. Nem guarani. Nem brasileira. De modo que, por aqui, fala-se o esperanto. Ora já é uma vantagem falar o esperanto quando ninguém acredita nele. Mas vamos adquirindo também o hábito de expressar coisas humanas com esse esperanto, qualidade que é bem apreciável. Saber falar ‘humanidade’ – confesse! – já é um pedaço bom. Pois nós sabemos. E até usamos sinônimos que é o cúmulo da sabença. Só que não encontramos eco. Falamos na planície, e vozes nos planos perdem-se, morrem. Daí a gente tornar-se casmurro, interiorizado, difícil. Bancar o programa, falar sozinho na vida é bem duro. Felizmente, você e outros falam em nosso nome lá fora, revelando aos brasileiros espantados a voz e o pensamento de Mato Grosso, principalmente da mocidade mato-grossense. (LEITE, 2015, p. 175)

Notamos que a participação do poeta modernista Lobivar Matos nos movimentos de vanguardas mato-grossenses era bastante válida e importante para a história da literatura no estado. Em outubro de 1947, Lobivar se

rende a úlcera. Faleceu precocemente deixando poucas produções, todavia de muita importância, como se viu.

Há uma recente e fervorosa ascensão no que diz respeito aos estudos literários no estado de Mato Grosso. As pesquisas e análises dos materiais, dos acervos de produção literária do estado vêm, de uns tempos para cá, recebendo o teor mais crítico, analítico e, claro um nível maior de interesses dos núcleos de estudos acadêmicos da literatura mato-grossense. As produções de cunho literário e artístico tiveram seu expoente paralelo à criação do indivíduo sensível e dotado de pensamentos críticos e reflexivos sobre sua existência, sobre o social e o universal. Junto, o surgimento de pesquisadores e estudiosos das produções e manifestações artísticas.

Essas produções possuem correntes inquebráveis, certo é que as produções e manifestos artísticos produzidos no decorrer da História humana, não estagnaram. Continuam até hoje como objetos e assuntos de pesquisas acadêmicas. Como prova disso são os periódicos, revistas, jornais e teses científicas entre os núcleos acadêmicos de Linguagem e Arte em todo o globo terrestre, como se viu no item anterior. O estado de Mato Grosso não fica fora destas produções, principalmente no seu ambiente acadêmico com as produções em periódicos, revistas, jornais e teses.

A HISTORIOGRAFIA E A CRÍTICA HODIERNA DA LÍRICA

No ano de 2005, Mário Cezar Silva Leite organiza uma obra com algumas destas produções de análises científicas sobre as produções literárias do estado, intitulada “Mapas da Mina: estudos da literatura em Mato Grosso”, na apresentação ele diz que o se publica acerca destes estudos

resulta das pesquisas, estas mesmas pesquisas, (...) esses temas e objetos (autores e obras que se expressam em Mato Grosso) continuam em produção, em construção. Dissertações de mestrado que se desdobram em teses de doutorado, doutorados que se encaminham para pós-doutorados e assim sucessivamente, este processo vai se compondo por etapas que se fecham e abrem ao mesmo tempo. Por estes motivos seria possível produzir muitos mapas de muitas minas... Caleidoscópio... (LEITE, 2005, p. 10)

Neste cenário de fervorosa produção crítica e acadêmica das literaturas que contam com pesquisas de alto valor histórico e literário, como a estudiosa das literaturas produzidas no estado de Mato Grosso Olga Maria Castrillon-Mendes, para a pesquisadora o estado passa por um aumento nos estudos críticos analíticos das literaturas mato-grossenses no ambiente acadêmico. Ela afirma que

(...) o momento de construção da crítica acadêmica é fomentada pelas universidades públicas que têm desempenhado um papel fundamental na socialização da crítica e na construção da teoria e da história literária(...) num esforço conjunto UNEMAT e Academia Mato-grossense de Letras, no projeto

específico de revitalização das letras mato-grossenses). (CASTRILLON-MENDES, 2011, p. 104)

Dessa forma, as produções literárias mato-grossenses ganham uma maior propagação e interesse no seu campo de estudo com iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, já no século XX, nos seus exatos anos de 1919 e do Centro Matogrossense de Letras, denominado e conhecido em tempos atuais como a Academia Matogrossense de Letras.

A história das produções literárias mato-grossenses é bem definida na obra de Rubens Mendonça, *História da literatura mato-grossense*, onde o historiador, também poeta/fundador de *Pindorama*, apresenta as produções literárias desde o período colonial até o início do século XX. Sobre Lobivar Matos, Mendonça o define como poeta com regionalismo marcado e revolucionário. Sua poesia representa o novo, à frente de sua época. De suas palavras sobre Lobivar Matos, Mendonça descreve seus poemas como “técnica – verso livre com recorrência de certos ritmos regulares batidos; fundo – um sentimento realista que ousa chegar até à obscenidade” e de “inspiração revolucionária, revelando-se às vezes de maneira direta”. (MENDONÇA, 2015, p.167)

As análises voltadas para as atividades literárias no início do século XX são os objetos de análises da pesquisadora Hilda Gomes Dutra Magalhães. Sua obra *História da Literatura de Mato Grosso – Século XX*, trata de um instrumento de pesquisas para os novos exploradores da cultura mato-grossense, principalmente nos estudos das literaturas deste período. No plano histórico cultural, Mato Grosso nas décadas de 30 e 40 obteve avanços consideráveis nos setores político, econômico e social. Com

modernização dos meios de comunicação e transporte o contato com a capital do país se tornou rápido e direto, aumentando as relações econômicas e políticas com os outros estados, também incitando a permuta de saberes, a interculturalidade entre os estados. Para a pesquisadora, a “instauração do Estado Novo, com Getúlio Vargas no poder, trouxe a Mato grosso, nas décadas de 1930 e 1940, um impulso político, econômico e social muito grande, traduzido em modernos meios de comunicação, acarretando a melhoria dos correios, telégrafos, transportes, etc. É nos anos 30 que se registrou a primeira transmissão de rádio (1939), a introdução do cinema falado (1933) e a inauguração de linhas aéreas ligando Mato Grosso ao Sudeste, fatos que, dentre outros, acenam para a chegada do progresso em Mato grosso.” (MAGALHÃES, 2001, p.95).

Neste espaço de tempo, a literatura mato-grossense está em ponto de transição entre o antigo, o novo e o moderno, onde os nomes de Lobivar Matos, Silva Freire e Manoel de Barros ganham destaque. A historiadora complementa que foi a partir do século XX que surgiram de fato as manifestações literárias. Um período de fervorosa agitação política, descobertas de minérios, mortes, jogos de interesses. Este cenário contribuiu com as reflexões críticas, segundo ela o “poder político atua junto com o econômico. Na primeira metade do século XX, as condições em que esse poder é exercido são discretamente delineadas nos textos”. (MAGALHÃES, 2001, p.23)

Essas manifestações literárias foram publicadas principalmente em folhetins de jornais e revistas da época. Por meio destes que a produção poética mato-grossense foi divulgada, onde haviam páginas dedicadas exclusivamente à poesia local. Porém os poemas de Lobivar Matos de

Sarobá não foram publicados em nenhuma revista mato-grossense. As publicações foram feitas pela Minha Livraria Editora, no Rio de Janeiro. Apesar de haver uma manifestação literária em Mato Grosso, Lobivar acreditava não ser o suficiente, dizia mais, que os escritores mato-grossenses eram escassos, havia pouca produção do estilo modernista.

Percebemos nos estudos históricos de Hilda Magalhães e Rubens de Mendonça que as influências modernistas provêm dos grandes centros, no caso dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Lobivar Matos estudava no Rio de Janeiro, onde o Modernismo ali eclodia. Enquanto no estado de Mato grosso, os das Letras ainda estavam nas produções de estética simbolista e parnasianista. Segundo a historiadora a produção da estética modernista se configurou nos grandes centros, e escritores como Lobivar Matos através de cartas, chamava à atenção de seus colegas para a nova estética há pouco inaugurada. Segundo Magalhães (2001) justifica que o “que caracterizou a produção literária mato-grossense da primeira metade do século XX começa a cair por terra e a literatura do Estado começa a se atualizar em relação à arte produzida no eixo Rio – São Paulo”. (MAGALHÃES, 2001, p.146).

Assim, Lobivar Matos constituiu, em Mato Grosso um eixo de ligação entre o novo e o velho. No Rio de Janeiro, o poeta lança *Areotore* (1935) e *Sarobá* (1936), com uma linguagem diferente, fora dos padrões estéticos parnasianos que ainda perdurava em Mato Grosso, apresentando como denúncia, os descasos sociais. Hilda Magalhães considera Lobivar Matos o precursor do Modernismo, em Mato Grosso, buscando onde buscava seguidores de suas ideias que foram desenvolvidas e providas nos grandes centros. O poeta se preocupava com

a estagnação de seus colegas conterrâneos, parados no tempo, isolados do mundo.

Apesar de almejem o novo, a mudança das antigas formas, os escritores mato-grossenses não obtiveram, de imediato, o reconhecimento de suas manifestações artísticas no resto do país. Há três momentos da evolução da literatura mato-grossense no período do Modernismo, como analisa Marinei Almeida (2012). *Pindorama* (1939) compreende o primeiro momento “imaturo em prol da modernização”, *Ganga* (1952), como segunda fase da modernização, com poetas como Amália Verlangieli, cujos traços denotavam a ânsia de renovação do estilo literário em Mato Grosso. Por último *O Arauto de Juvenília e Sarã* (1952), em que a consciência dos poetas toma vigor com a relação da necessidade da renovação artística.

Por meio das várias tentativas de modernização nas letras mato-grossenses desfechadas pelos grupos (...) apresentaram desencontros de ideias e práticas, compreendemos que a arte moderna no Estado, mesmo ao passo lento, aos poucos foi conquistando seu espaço e hoje podemos comprovar uma produção autônoma. (ALMEIDA, 2012, p. 143)

O estado se mantinha isolado em seus movimentos intelectuais. Mesmo com as publicações de revistas e periódicos, mostraram-se insuficiente para sua significação. Havia um devaneio à sua posição quanto à literatura moderna mato-grossense. Como exemplo, certas produções, do historiador e poeta Rubens de Mendonça

fundador de *Pindorama* e *Movimento Graça Aranha*, que “pouco contribuiu, em termo de produção literária, para a implantação da estética moderna em Mato Grosso.” (MAGALHÃES, 2001, p.112).

Observamos, então, que a participação de Lobivar Matos na história da literatura mato-grossense se torna significativa e assunto atual nas produções de diversos artigos e estudos acadêmicos em todo o território nacional. Assim a literatura no século XX em Mato Grosso ganha um novo fazer poético e recebe o Modernismo. Com as poesias de Lobivar Matos como referência, uma nova forma de fazer poesia é inaugurada em Mato Grosso.

Em 1941, o poeta já formado, exercendo a função de advogado, retorna à cidade natal com a sua família. Todavia o poeta devido à posição em defesa das reivindicações sociais e o confronto com uma burguesia em decadência, mas ainda cheia de privilégios, se apropria da imprensa para promover suas críticas e insatisfações com a posição tomada pela classe burguesa. Por estes motivos, o poeta não permanece em Mato Grosso e retorna ao Rio de Janeiro. Segundo o biógrafo José Pereira Lins “A inospitalidade dos poderosos, contra quem se investiram logo de começo, o expulso de seu berço. (...) tentou ainda trabalhar em Cuiabá.”. (LINS, 2008. p. 13)

Lobivar em sua reprodução da conduta do homem e do espaço em que vive, se posiciona como um delator fiel aos fatos, manifestando a indignação por certos tipos de situações. Características comuns com as de Manuel Bandeira e Drummond, cujos escritos também detinham um grande teor irônico e crítico da realidade, com liberdade criativa e riqueza rítmica. Em um trecho do poema *Sarobá*, que dá nome à obra, vemos descaso social, a fiel descrição da situação de miséria desse bairro na cidade de Corumbá “casinhas de lata água na bica pingando,

escorrendo, fazendo lama; roupa estendida na grama; esteira suja no chão duro, socado, lampeão de querosene pescando no escuro, negra abandonada na esteira tossindo”. (MATOS, 2015. p. 111).

Segundo Carvalho (2008) é de se admirar um poeta como Lobivar Matos em suas circunstâncias geopolítico culturais conseguir se desvencilhar das amarras do estilo predominante de sua época. Lobivar Matos “criou com uma impressionante liberdade formal e se apropriou sem qualquer pudor de toda uma dicção tida como ‘não-nobre’, repleta dos ‘vícios de linguagem’, e considerada indigna de arcanos poéticos, utilizando um léxico composto de gírias, de regionalismos, de corruptelas e de eventuais estrangeirismos.”. (CARVALHO, 2008, p.30)

A estudiosa justifica a escolha do poeta como seu objeto de análise em sua tese de doutorado que dizendo que “Lobivar Matos já é um nome mencionado pela crítica, portanto conhecido, se forem considerados os trabalhos acadêmicos e os artigos que recentemente reservam algum espaço para abrigá-lo” e ela se permite “reconhecer que embora a produção lobivariana tenha ocorrido na década de 1930, enfocá-la quase 70 anos depois significa questionar alguns deslizos da crítica em ignorar momentos importantes da atividade intelectual do país.” (ARAUJO, 2009, p. 17 e 220).

De acordo com ARAUJO (2009, p. 70), o poeta mato-grossense “opta pelas categorias marginalizadas para respaldar o projeto modernista, sobretudo dos anos 30, quando a crítica social é feita nos seus melhores momentos”.

Só se lembram de Sarobá quando são necessários os serviços de um negrinho. Fora daí a Favela em

ponto menor é o templo eterno da Miséria, é a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo, na expressão de um inglês que passou por lá caçando onça e, quem sabe? Se petróleo também.

O fotógrafo bateu inúmeras chapas e não foi feliz. No momento não havia sol suficiente para fotografias nítidas e artísticas. Consolem-se. Não há outro remédio. As fotografias da série de Sarobá foram bastante prejudicadas pela falta absoluta de luz. Era preciso luz, sol, muita luz, muito sol. E havia – tortura do artista – treva, relâmpagos violentos e chuva, muita chuva...
Rio – 1936. (MATOS, 2008. p. 110).

No texto de abertura o livro “Sarobá” (1936) se apropria de combinações de sentido, poematiza os problemas sociais de seu povo neste em forma de prosa. Para Candido (1996) “palavras e combinações de palavras dotadas de um significado próprio que o poeta lhes dá”, fatores que constituem a linguagem poética se tratam de um “arranjar as palavras de maneira que o seu significado apresente ao auditor, ou leitor, um super-significado”. (CANDIDO, 1996, p. 63)

Essas tessituras, presentes no prefácio da obra, são definições e ressignificações sobre o termo escolhido como título. Com nomeação de um bairro de negros o poeta apresenta a precariedade e o abandono, revelando-se o descaso e a miséria do povo. *Sarobá* seria, então, o local

definido pelo próprio poeta como “a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo” (MATOS, 2015, p. 110).

Esta é a proposta do Modernismo, a arte como denúncia social, a aproximação do homem à realidade, a construção do pensamento crítico à psicologia, a política e a cultura, a conduta do ser humano, e seus paradigmas sociais. O fazer poético do mato-grossense Lobivar Matos desponta de todas estas características, assim como também, inclui outras características modernista, no caso da construção dos poemas de forma livre das amarras métricas, uma versificação solta, mas carregadas de sentido e sons.

A poesia de Lobivar é toda ela o retrato de um dilaceramento. Do homem que não encontra guarida na sua própria terra, como um exilado que quer retornar ao regaço materno, e que se sente estranho e é por ela rejeitado. O poeta vive uma marginalidade plena. Uma dupla marginalidade – literária e sócio-política. É nessa condição que a sua poesia reflete a angustia e o desespero com o sofrimento de seu povo e com as mazelas da sociedade. (CARVALHO, 2008, p.40).

As obras *Areôtorare: poemas boróros* (1935) e *Sarobá* (1936) são um compendio de insurgências poéticas, produzida na sua forma mais livre, versos sem metrificações, cheio de sons, ritmos, de tons sarcásticos e carregado de melancolias. O poeta apresenta a natureza do

humano, a natureza do mundo na presença do humano. Onde os personagens se tratam de pessoas simples, pessoas reais. O eu poético de seus poemas posicionava-se muitas vezes como um “repórter fotográfico”, em “alguns momentos ele que como que fotografava essa realidade ou, por outra, faz de seus poemas uma reportagem radiográfica da áspera condição de sua gente, e da qual Sarobá se constitui no melhor espelho”. (Carvalho, 2008, p.32)

Estudiosos como Susylene Dias de Araujo (2009) e Carlos Gomes de Carvalho (2008) consideram a poesia de Lobivar Matos uma sequência de fotos, cada verso um “click” sobre uma realidade mórbida dos “párias sem pão”. Corumbá em seu cenário imenso, com variedade de imagens, torna-se um palco para a criação artística da poesia de Lobivar Matos. “A variedade da cor da pele, no entanto, não basta para que o bairro descrito pelos versos do poeta ganhe cores suficientes para colorir o cenário descrito.”(ARAUJO, 2009, p.113)

Para ambos, o poeta é considerado o precursor do Modernismo em Mato Grosso, Carvalho (2008, p.16) diz que Lobivar é “precoce e aparece de forma inovadora. Inova na temática e traz o frescor dos versos livres.”. Com suas poesias de novos fazeres poéticos, o precoce poeta inovou a forma de poetizar, inovou a poesia, liberta das amarras da métrica e dos temas fechados, mantendo o ritmo e a rima, com a inserção da linguagem comum, coloquial, a linguagem do povo.

A poesia de Lobivar representa uma vigorosa inovação temática e formal na história literária de Mato Grosso. Ele introduz na poesia regional um conteúdo novo e até então desconhecido – o povo, os negros, a

ralé, os desgraçados, enfim o *lupem proletariat* (Marx). (CARVALHO, 2008, p.28)

As obras *Areôtorare: poemas boróros* (1935) e *Sarobá* (1936) são construídas numa temática social e racial, com versos livres, um ritmo e vocabulário próprios e próximos da musicalidade das pessoas que viviam em Corumbá. Cheio de gírias e regionalismo o vocabulário é amplo, assim como a sua indignação com a realidade social. Também possui certo grau de pessimismo, melancolia e ironia, marcas encontradas em poetas modernistas como Manuel Bandeira e Drummond.

“As palavras ou combinações de palavras usadas podem ser signos normais, figuras, imagens, metáforas, alegorias, símbolos, (...)”. (CANDIDO, 1996, p. 63). Vemos essas palavras e combinações nas obras de poemas de Lobivar Matos, assim como no prefácio da obra “Sarobá”, seguem-se, portanto nessas produções poéticas uma sequência de registros visuais em seus poemas, que apesar da “ausência de luz” o poeta registra suas lamúrias de não poder apresentar fotos que comprovassem sua denúncia, talvez esta falta de luz, seja, mais um traço sarcástico do poeta, talvez luz significasse, esperança. Seguido disso convida o leitor a buscar tal luz nas poesias, apesar do poeta se expressar às trevas, torturas, relâmpagos e debaixo de muita chuva. Observo aqui um jogo de metáforas onde falta de luz, trevas, relâmpagos, chuva significam abscessos emotivos, mal-estar, sentimentos negativos advindos e expressados pelo poeta em sua obra.

Sentimentos expressados nos poemas de ambas produções literárias de Lobivar Matos, esses providos do desgosto a posição da sociedade com relação aos marginalizados, sentimentos providos da posição do artista

interpenetrado por pensamentos críticos às estruturas mentais e sociais do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar como objeto de análise a produção lírica de Lobivar Matos, percebe-se um indivíduo fora de seu tempo, crítico e sensível às mazelas de seu povo. Para tanto se tornam imprescindíveis os estudos das suas obras, bem como de seus movimentos estéticos aos quais se vinculam. Também não se exclui o olhar atento e minucioso nas entrelinhas dos poemas em suas obras, essas que configuram um riquíssimo instrumento de pesquisa e crítica, um *corpus* de análise historiográfica e de estudos críticos literários; ressaltam-se como objetos de análises poucos explorados, até então. Uma literatura rica, em obras de cunho sócio histórico cultural provenientes a uma região afastada dos grandes centros.

Dentro desta mistura de cores, tons, sons e imagens que desencadeiam a voz do povo mato-grossense, o poeta denuncia e chama a atenção para os fatos sociais, e os transformando o poema em objeto de denúncia, um instrumento social. O poeta de forma original e singular busca alertar o seu povo a direcionar o seu olhar, a perspectiva em direção aos desprovidos de cuidados, aos menos afortunados. A abrirem uma nova concepção de mundo, do novo mundo.

Lobivar Matos por meio de seus pensamentos críticos e reflexões sobre os problemas sociais expõe a decadência humana e social em forma de poemas. É possível dizer que seu trabalho irmana e é precursora do Modernismo no estado de Mato Grosso. É um poeta e escritor que pouco a pouco ganha espaço na galeria dos

mais brilhantados autores modernistas e está saindo das prateleiras particulares e dos autores desconhecidos.

No entanto, outras considerações poderão ser aprofundadas em estudos posteriores. É necessário ampliar as análises de suas produções literárias, deste poeta único, que apesar de ter poucas obras publicadas e produzidas, detém um arcabouço de conhecimento e requer mais atenção nos estudos acadêmicos sobre a produção cultural mato-grossense.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marinei. **Revistas e jornais: um estudo do modernismo em Mato Grosso**. Cuiabá: Fapemat/Carlini & Caniato, 2012. 192 p.

ARAUJO, Susylene Dias de. **Tese de Doutorado**, Universidade Estadual de Londrina – PR, 2009. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp110918.pdf> Acessado em: 20/06/2023.

BOSI, Alfredo, *1936. O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. 275p.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP, 1996. 101 p.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sore Azul, 2006. 202 páginas.

CARVALHO, Carlos Gomes de. **Prefácio**. Areôtorare e Sarobá: Lobivar Matos. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008. (Col. Obras Rara, v.3)

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Espaços regionais, identidades plurais: reflexões em torno da produção literária de/em Mato Grosso**. Revista Ecos (Cáceres), v. 10, p. 99-106, 2011.

- DIAS-PINO, Wladimir. (1949). **Revistas e jornais: um estudo do modernismo em Mato Grosso**. Cuiabá: Fapemat/Carlini & Caniato, 2012. 192 p.
- LEITE, M. C. S. **Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005. 254p.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2001.
- MATOS, Lobivar. **Areôtorare (1935) e Sarobá (1936)**. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008. (Col. Obras Raras, v.3)
- MENDONÇA, Rubens de. **História da Literatura matogrossense**. 2ª ed. especial, Cáceres: Ed. Unemat, 2015.
- MESQUITA, José de. **O sentido da literatura matogrossense**. 1936. In: www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 422
- REIS, B. A. C. **MiniManual Compacto de Gramática, Língua Portuguesa: Teoria e Prática**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Rideel, 2003. v. 1. 335p .
- TELES, G. M. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. 15 ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 448p .

Capítulo 4

VOZES INSUBMISSAS: O CONCLAMAR DO SERTÃO EM *AS JAGUNÇAS*, DE ROMULO NÉTTO

Simoni Rodrigues dos Santos⁸
Isaac Newton Almeida Ramos⁹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro de contos *As Jagunças*, de Romulo Néttto, escrito originalmente em 2007 e publicado em 2009, pela editora Carlini & Caniato Editorial, na capital do Estado de Mato Grosso – Cuiabá, faz parte da “Trilogia dos Gerais” composta pelos livros: *As jagunças*, *Contos das Gerais* e *Felisberto das Âncoras*. A trama, que envolve as personagens, apresenta-nos um bando de mulheres que mantêm uma estreita relação pelo contexto de violência, instinto de sobrevivência e a busca por justiça que tecem suas travessias no “sertão”.

O conto defende um estilo estético que ganha força e visibilidade no cenário nacional, presente no sertão de Franklin Távora, na transposição da linguagem popular evidente nos escritos de Afonso Arinos, na rusticidade sertaneja apresentada por meio das personagens de

⁸ Doutoranda da Pós-graduação *Stricto-sensu* em Estudos Literários-PPGEL - Unemat, Campus de Tangará da Serra/MT; Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso - Unemat, Campus de Diamantino-MT.

⁹ Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP; Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL -Unemat.

Graciliano Ramos e nas ambiguidades de um ser que transita entre o bem e o mal, como em Guimarães Rosa. As imagens do mundo sinestésico e quase nunca valorizado ressurgem através da narrativa de mulheres que respondem às experiências suprimidas, ao revelar o sertão-humano, por meio delas. Essas situações dão contornos novos a esse lugar movediço, que vai além de uma denúncia individualista, pois ao tocar as pontas soltas de cada narrativa, são tecidos enredos que entrelaçam lugares, valores e trajetórias que ressignificam a multiplicidade de vozes emergentes desse sertão. A partir do conto *As Jagunças*, é possível entender como texto e contexto são delineados a fim de desconstruir a ideia de lugar geográfico e humano convencionados pelas relações de poder.

As narrativas de mulheres fortes que imperam a lei do sertão subvertem e (des)organizam os espaços e papéis impostos a elas. A representação desse universo multifacetado leva-nos a entender a ideia do múltiplo atribuído à figura do jagunço e a compreender a construção semântica do termo “jagunças”, que intitula o conto em análise. Essa construção implica em reconhecer como acontece a travessia das mulheres no “sertão”: “[...] assim como o diálogo dentro do monólogo, a personagem dentro do narrador, o letrado dentro do jagunço, a mulher dentro do homem, o Diabo dentro de Deus” (GALVÃO, 1972, p. 13). Dessas indefinições, passamos a entender o ser que é revelado em sua plenitude.

Desse modo, por meio da narrativa nettiana, faremos uma análise do sertão, que é desvelado pelas personagens femininas. Ressaltamos que essas mulheres, mimeticamente, representam grande parte das vozes de mulheres que compõem a imensidão dos sertões descritos pela literatura brasileira. Nesse contexto, a inversão simbólica de lugar másculo do termo “jagunço” para

“jagunça”, revela-nos uma busca por representatividade dessas mulheres que direta ou indiretamente estão ligadas ao mundo do sertão.

A MULHER E O SERTÃO: VOZES INSUBMISSAS

As narrativas que precedem o conto *As Jagunças* se concentram em apresentar as tragédias pessoais das mulheres, ora como mocinhas ora como transgressoras da moral e do bom costume, no entanto fogem de elucidar a proatividade dessas mulheres que sobreviveram às mazelas de um sertão que sempre foi dominado pelos homens.

Nesse contexto, Néttto escreve e inscreve, pela primeira vez, uma literatura em que a mulher como protagonista, além do título de jagunça, é movida pelo sentimento de justiça ao enfrentar seus opressores, é vista como a mulher que mata, saqueia e é dona do seu próprio destino. Todo enredo é constituído de narrativas que revelam, por meio da memória, as travessias do seu próprio sertão. Esse sertão de ninguém, apresentado no conto, assemelha-se ao que uma das maiores estudiosas sobre Guimarães Rosa afirma a respeito do sertão roseano, no qual: “tudo é e não é” (GALVÃO, 1972, p. 12).

A partir desse pensamento crítico, apontamos que o sertão nettiano é tecido por pelo menos vinte vozes solitárias femininas, bem diferente da obra *Roseana*, que traz uma solitária voz masculina atraída por uma que, o personagem Riobaldo, não sabe ainda que é feminina. Essas vinte vozes femininas, ao se confrontarem, reconhecem-se e apresentam suas individualidades aos leitores, cabendo a esses decodificar seus dilemas.

O movimento de reconhecimento culmina na cumplicidade do coletivo de um raro bando de jagunças, personagens essas que interpretam a desorganização das

convenções patriarcais ao buscarem, por meio das ações, representar a força de um universo de fêmeas que é sustentado pelo sentimento de justiça e pelo instinto de sobrevivência.

Ao adentrarmos ao universo jagunço, na literatura brasileira, um dos primeiros escritos a reconhecer a mulher no ambiente do sertão foi o romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, publicado em 1992. Neste, temos o instinto avesso de uma sinhazinha que passa a liderar um bando. Todavia, Dona Moura era a mandante dos crimes e saques. Ela manda matar o padrasto e, em seguida, o amante, o que implica dizer que o sangue naquele sertão foi derramado em nome dela, e por tudo que ela poderia oferecer para aqueles que a seguiam, indiferente de suas ações.

Procedimento um pouco diferente ocorre em *As jagunças*. Percebemos que elas, assim como os jagunços, dão cabo da vida de seus opressores. E a construção dessas personagens se contrapõe à perspectiva do romance estereotipado da mulher donzela, frágil e sempre pequena em suas expressividades; elas expõem seus pensamentos sem medo de repressão e usam da força como forma de fazer justiça.

Podemos dizer que a voz emanada de cada uma das jagunças sustenta o conclamar de mulheres “milenaes” que, também, subverteram os lugares impostos a elas, lugares que por si só urgem ser desvendados. Essa reflexão conduz o leitor a entender a composição do “ser feminino”, presente em cada narrativa, que perpassa a ideia arraigada de corpo ao nos revelar as ambiguidades que coadunam nas relações da mulher e sua travessia no mundo do sertão.

A DONZELA GUERREIRA NA LITERATURA

Na história da literatura universal é possível encontrarmos narrativas em que as mulheres são protagonistas dos feitos heróicos, liderando as frentes de batalhas, citaremos alguns exemplos: na mitologia hindu, temos Chitrângadã, que era comandante do exército do pai; na mitologia grega, temos as amazonas, uma tribo de mulheres guerreiras e atletas; Atena, deusa da sabedoria, da guerra e da civilização grega, é tida como modelo para a maioria das mulheres guerreiras; as valquírias e as donzelas escudeiras da mitologia nórdica também são personagens femininas bastante representativas; Cordélia, rainha britânica que lutou contra seus oponentes à sucessão do trono e liderou pessoalmente as frentes de batalhas; em seus escritos, o historiador greco-romano Plutarco descreve a imponência e bravura das mulheres de Argos que lutaram contra o Rei Cleomenes e o exército dos Espartanos, comandadas por Telesilla no século V a.c. No entanto, na literatura brasileira, não é comum a personagem feminina comandar um bando. Mais difícil ainda seria comandar um bando exclusivamente composto de mulheres jagunças no sertão, uma vez que a mulher não “deveria” pertencer a esse mundo marginal, tampouco protagonizar feitos memoráveis na história do jaguncismo.

Inversamente ao que se pensa sobre a mulher e o sertão, a sua presença é reconhecida e os momentos de bravura podem ser evidenciados seja na moça que morreu tentando converter a alma desenganada do amado, assim como Luisinha ao tentar converter José Gomes em *Os Jagunços*, seja como Luzia, que não se deixa seduzir por Capriúna no Romance *Luzia homem*. As mulheres que habitam as veredas do sertão são reveladas ao transitarem

as nuances sedutoras das fêmeas e a força descomunal da mulher-macho. Essa dualidade compõe as narrativas de um ser andrógino indecifrável que, ao mesmo tempo, é anjo e demônio. Dois mundos que habitam um mesmo ser em travessia.

No livro de contos, *As Jagunças*, Romulo Néto retoma o termo “jagunça” para representar essa nova configuração do “sertão”. A disposição semântica da palavra “jagunça” sugere ao leitor que a narrativa é uma proposta de reconhecimento das trajetórias das mulheres nesse universo falocêntrico. Isso propõe um enfrentamento de um lugar estereotipado de fragilidade que foi internalizado aos corpos das mulheres. Esse enfrentamento mostra as versões das histórias contadas por mulheres que subverteram a ordem e se tornaram donas do próprio destino, que se fizeram mulheres para os homens e homens para as mulheres. Essa ambiguidade atrai o leitor, sendo ele homem ou mulher, a reconhecer por meio “delas” os mistérios de um ser que é revelado como o próprio sertão.

O título da obra, curiosamente, nos remete a esse lugar de enunciação que reflete a aspereza, a insubordinação e a marginalização. O neologismo do título, metaforicamente, sugere um lugar que é mutável entre masculino e feminino, uma vez que esse conceito de lugar, segundo Bourdieu (2012), seria uma invenção social, em que homens e mulheres teriam papéis definidos pela sociedade.

O BANDO: O ESPAÇO METONÍMICO DO SERTÃO

A figura do “jagunço”, personagem histórica da literatura brasileira, sempre foi representada por homens, arregimentando-se entre aqueles que não tinham terra nem trabalho, pertencentes à plebe rural, homens livres que

optaram pelo modo de vida nômade da jagunçagem, reunidos ora para fazer justiça a modos próprios e coibir a ação de bandidos, ora para espalhar o terror e o medo, invadindo cidades, saqueando e desafiando as autoridades.

O universo jagunço principado por Afonso Arinos e o sertão de Guimarães Rosa inspiraram o mundo desenrolado em *As Jagunças*, de Romulo Néto. Na formação desse lugar estritamente masculino, as mulheres eram descritas em uma intrincada dualidade: subordinada/insubordinada, meretriz/moça, bruxas/santas, compreendidas como objeto de desejo e satisfação sexual masculina. Todavia, no conto em análise, percebemos uma tentativa em desconstruir esse “sertão dos homens”, pois ao enredar o percurso da mulher no sertão, as narradoras descrevem seus sofrimentos, a brutalização de seus corpos e as conquistas desse lugar. Esse processo é percebido pelo caráter denunciativo em tom de confissão em que os acontecimentos são revelados. Desse modo, reconhecemos como a matéria social é desenvolvida por meio da palavra expurgada – por meio da qual são discutidas as questões do silenciamento da mulher e os papéis sociais que elas ocupam no sertão - e de que modo o imaginário do sertão é reconstituído na contemporaneidade, ao trazer para a atualidade o “mito” da donzela guerreira e o “rito” desse ser que representa o “novo sertão”.

As personagens compõem as tramas de um raro “bando de jagunças” que subvertem a relação de opressor e oprimido por meio da proatividade, da inteligência e da disposição para as lutas como forma de sobreviver às violências de toda ordem. A narrativa se sustenta por elucidar um “ser em construção”, que reconhece em si a força necessária para livrá-las da violência à qual foram vitimadas. Como citados anteriormente, existem inúmeros fatores que justificam o estranhamento acerca das atitudes

das personagens que desregulam os papéis sociais impostos a elas. Essa relação está intrinsecamente ligada à política e às questões sociais, que discutem a posição da mulher, o equilíbrio e o desequilíbrio de poder nas relações entre os sexos. Essa discussão nos leva a compreender essa heroificação às avessas da mulher, ao longo dos tempos. Entendemos esse avesso como a desprogramação da ideia de fragilidade estereotipada aos corpos femininos. E, por meio disso, podemos experimentar um lugar que esquecemos e que foi sufocado e atrofiado por ações simbolicamente moldadas. Todo esse processo metamorfoseia o “ser feminino”, ressignifica os “lugares” e singularidades desse sertão-humano.

A narrativa se inicia na composição de um bando de jagunças que se encontram pelo reconhecimento das violências vividas por vinte e uma mulheres, que narram suas histórias de vida e, por meio da palavra falada, reivindicam os lugares que lhe pertencem. Mulheres que uniram suas tramas com o objetivo de: “[...] desencorajar os coronéis a usar mulheres como se fossem bichos desprezíveis [...]” (NÉTTO, 2009, p. 14). Em cada relato são tecidos os motivos que nutrem seus desejos de vingança. Esse sentimento, em tom de justiça, é o elo que medeia a cumplicidade que as une.

As trajetórias das personagens se entrecruzam em confrontos, bom prosear e acalento encontrados nas águas do Paracatu, guardião das jagunças. E com a mesma intensidade indomável dos seus afluentes e ele próprio, as narrativas são desveladas. O sertão apresentado por cada personagem é aproximado por um estreito alinhavar iniciado pela personagem denominada primeira jagunça, que é responsável pela formação do bando. É na união desse bando que todas elas encontram refúgio e proteção, vindas dos mais diversos cantos e classes sociais. Revela-se,

assim, a face de um ser que é desertificado e sobrevivente, que é brutalmente transmutado pelo contexto de violência.

O sertão permeado pelo bando de jagunças foi construído com o objetivo de ampará-las “[...] das fúrias dos homens [...]” (*ibidem*, 2009, p. 23). O tom sôfrego sobre o qual a narrativa é conduzida traduz as dores de um ser violentado e brutalizado, assim como o cerrado que definha com o fogo, os corpos como árvores retorcidas e castigadas lutam por sobreviver à inospitalidade do sertão.

O RIO, A TRAVESSIA E O RECONHECIMENTO

A passagem entre o sofrimento e o reconhecimento de que o bando era um lugar seguro tem como referência as águas do rio Paracatu, que divisava o sertão de vegetação espessa, de rios sinuosos, cortado por morros e morrotes que protegiam as jagunças do inimigo invisível (NÉTTO, 2009). Lugar dúbio que protege, semelhante ao rio que corta o sertão de Távora, presente na obra *O cabeleira*, onde “[...] os homens que vivem como as feras [...] no seio de escusas brenhas, de regiões inóspitas e desconhecidas[...]” (TÁVORA, 1876) encontravam proteção. Na obra em questão, as águas calmas e límpidas se travestem em revoltas e ficam enlameadas, de maneira que refletem o sertão que habita aquelas almas.

Viração suavíssima passara por cima do férvido charco das suas paixões, e deixara, se não purificadas, decerto quietas as águas que aí se enovelavam turvas e lodosas. Essas águas nunca jamais viriam a ter a limpidez do regato que se desliza em manhã de verão, por cima de

prateadas areias; podiam, porém, perder o lodo e os vermes que se geram e alimentam em pútridos pântanos; podiam tornar-se mansas, como as dos lagos, azuis como as dos golfos (TÁVORA, 1876, p. 44).

O vínculo entre o rio e as mulheres nos faz reconhecer a sofrível travessia travada por cada jagunça. As águas turbulentas do rio refletem a fúria que as dominava e que aos poucos enrijece os corpos amolecidos pelo sol e pelo suor. O tempo dessa travessia parece mimetizar os mais de cem anos de solidão (NÉTTO, 2009) e silêncio que permeiam as histórias das mulheres desse sertão.

A personificação do rio como elemento simbólico é marcante nas obras de Nétto, assim como o boi é nas obras de Guimarães Rosa. A imponência de suas águas representa a travessia das personagens que ora acontece de forma turbulenta pelo sentimento de vingança, o que justifica a presença do rio “enlameado”, ora se configura como calmo lugar de refúgio das jagunças. A metáfora do rio apresenta as ações que o circundam. Nas obras de Guimarães Rosa a representação do gado indica a presença: “[...] do que se deve esperar das redondezas; se arisco e bravios, não há gente por perto; se magros, apontam a penúria do local [...]” (GALVÃO, p. 1972, p. 27). Por analogia, deduzimos que a passagem do rio, nas obras de Nétto, medeia a intensidade da vida que sobrevive em suas margens.

Na mitologia grega, segundo o filósofo grego Heráclito, não seria possível entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser que atravessa suas águas já não seria o mesmo de antes. A correnteza do

rio simboliza o curso da vida e da morte. Do mesmo modo, a existência humana segue o curso com a sucessão dos desejos, dos sentimentos, das intenções e das possibilidades dos seus desvios:

No rio enlameado mas seguras em nós serenas donas dos destinos dagora ou d'amanhã ã! Seguimos desviando morros morrotes pequenos montanhas caudalosos cursos d'agua que em eras outras protegiam do inimigo invisível prosseguimos rumo norte [...] cair na estrada pras barrancas do Paracatu proteger as gentes contra represálias dos poderosos (NÉTTO, 2009, p. 24).

A consciência da mudança acontece por meio de raras afirmações que são demarcadas pelo uso do sinal de exclamação, podemos perceber essa afirmativa na citação acima. Um ciclo que se repete com todas as jagunças, a violência marca as vidas das protagonistas, que lavam suas mágoas nas águas do Paracatu. Essa linha vertical representada pela travessia do rio leva-nos a reportar aos estudos de Walnice Vilalva (2004), acerca das Marias: estudos sobre a donzela guerreira no romance brasileira, na obra *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, que também apresenta uma travessia que delinea “[...] metaforicamente, o espaço do sagrado e do humano, do feminino e do masculino.” (VILALVA, 2004, p. 61).

O "rio enlameado" que corta o sertão em *As Jagunças*, assim como as águas do *Lete*, na Grécia antiga, leva em seu curso boa parte do sofrimento das

personagens, restando a consciência do sofrimento e do corpo brutalizado. A metáfora do rio aproxima a narrativa do “rito”, que indica a travessia das jagunças, e suas margens representam o elo que une as vidas dessas mulheres. A travessia das águas significa a purificação e a capacidade de eliminar em partes as lembranças e os vestígios dos pecados. (PURG, XXVI, 108, *apud* VILALVA, 2004, p. 62). Desse modo, podemos dizer que a imagem do rio conclama não somente à travessia, mas à conquista e à confirmação da passagem das heroínas de um estado ao outro.

O desejo por vingança se revela com as águas turbulentas que, ao serem atravessadas, refletem dois mundos: o bem na figura da justiceira e o mal na figura da assassina cruel. O mundo jagunço é permeado por essas ambiguidades, isso porque o fio condutor dessas narrativas, o sentido de justiça, no contexto do sertão, é recorrente como instinto de sobrevivência e, para isso, é vital que aconteça a subversão da ordem e da moral.

O SILÊNCIO

O silêncio, lugar conflituoso no qual habita uma multiplicidade de vozes, em *As Jagunças*, é um momento de confissão e de troca. É neste vazio que são percebidos os movimentos dos corpos violentados, que se reconhecem em sua plenitude:

[...] o silêncio é o verdadeiro solitário financiador de todas as vinganças calei respirei fundo me fechei em copas passei horas com aquelas palavras martelando a cabeça entendi: nada acontece antes da hora

ninguém por assim dizer morre na véspera [...] (NÉTTO, 2009, p. 36).

O fluxo de consciência e o monólogo interior das personagens provocam sensações no leitor que, de forma empática, sente, repudia e se enfurece junto às personagens, que exploram o dizer para serem ouvidas e, com isso, enredam os interlocutores em suas tramas. Ao considerar a importância do leitor para a compreensão do contexto da obra em análise, é importante ter em mente os pressupostos da estética da recepção que podem ser aplicados ao texto. Para tanto, recorreremos aos escritos de Jauss (1994), para quem a relevância de uma obra literária não diz respeito às condições históricas ou bibliográfica que as originam, tampouco seu posicionamento em outros contextos, mas sim aos critérios da recepção, “do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade” (JAUSS, 1994, p. 8).

Neste sentido, é possível inferir que o leitor não é uma *tabula rasa*, em que o texto vai imprimir seu sentido. Inversamente, o leitor, diante de uma obra literária, traz, para dialogar com o texto, seu repertório/contexto de vida. É a partir do seu contexto singular que ele passa a interpretar a literatura. Cada leitor, de acordo com seu tempo e espaço, lê de maneiras distintas. Desse modo, devemos encarar o fenômeno literário como um processo dialógico, isto é, como um processo de comunicação, que requer do leitor um papel ativo diante do texto a quem, primordialmente, a obra literária visa (JAUSS, 1994, p. 22-23).

Posto isso, reconhecemos que, mesmo no silêncio, há ação. A relação pactuada com o leitor valoriza expressivamente a força da palavra enunciada. Ao voltarmos essa percepção para a obra em análise, podemos

inferir que, além do poder denunciativo conferido às narrativas, se estabelece uma conexão próxima ao leitor estabelecida pelo uso do narrador autodiegético. Isso pode ser compreendido de maneira direta nos discursos das personagens:

[...] depois do acontecido tinha mesmo que fugir desesperada selei meu cavalo baio apanhei armas capa ideal desembestei pelo mundo buscando esconderijo sabia que mais dia menos o povo de Isabelê sairia na minha cola não temia por mim que muito bem sei me defender mas a família seria toda torturada assassinada disto não tinha dúvidas [...] (NÉTTO, 2009, p. 35).

O sertão silenciado e sufocado pelas relações de opressão faz com que as mulheres tenham se mostrar em plenitude. Entendemos esse silenciamento não como ausência da fala ou da força, mas como a supressão destas, resultado dos processos históricos que compreendem a “constituição do ser feminino”. Ao voltarmos os olhos para esse processo, podemos perceber o quanto foi violento o reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação das vozes femininas, convida-nos a uma estreita travessia, em que a mulher reconhece em si e em outras um corpo mutável, capaz de lutar contra um opressor que foi disseminado socialmente nos pensamentos e nas ações dos homens e nos pensamentos das mulheres.

Essa imposição mascarada de valores sociais atrofiou-lhes por décadas a força e o desejo: “como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta” (BEAUVOIR, 1970, p. 203). O corpo feminino, portanto, resultava de uma aceitação social, que o via como inspiração e objeto de satisfação sexual. As literaturas internalizaram uma imagem de mulher idealizada, de forma a consolidar a dominação masculina em seus textos e a privilegiar a visão patriarcal.

Romulo Nétto, ao compor as personagens em *As Jagunças*, reconhece essa condição privilegiada do homem e, também, é consciente desse processo excludente em relação às mulheres. Ao dar voz a protagonistas, estas recebem, em partes, o devido reconhecimento pela historiografia literária. Ao empoderá-las, por meio da palavra, as narrativas desconstroem o discurso patriarcal de musa e objeto de desejo. As mulheres tomam posse de seus “destinos”, revelando-nos, por meio delas, os sertões sufocados pelo silêncio. Ao desfrutarem da posse de seus destinos, configura-se um outro sertão, diferente daquele que vinha sendo idealizado. As jagunças da narrativa de Nétto propõem esse requerer de vozes que se unem com o propósito de justiça, seja por elas ou por tantas outras, as quais suas ações abonaram. A passividade da mulher passa a ser questionada e o protagonismo, finalmente, é desenvolvido em uma tentativa de romper com os estereótipos dominantes/patriarcais do “mundo do sertão”.

A contextualização do conto é constituída de inúmeras narrativas que acontecem em tempos e sociedades distintas. Isso possibilitou a inferência do contexto plural, sob o qual as “estórias” foram desenroladas. Posto isso, é possível inferir que são

conferidas à obra características peculiares de Guimarães Rosa. A visão que se tem dos personagens e da própria maneira de conduzir as narrativas instiga o interlocutor-ouvinte a adentrar nas nuances dessas narrativas, capaz de dialogar com o que está posto. Néttto apresenta um universo que transita entre o mito e o rito, preocupa-se com as questões sociais e inova ao reconhecer a força da mulher nesse universo dominado por homens.

Cada capítulo é desenvolvido como uma micro-novela, que enreda tramas das personagens de forma individual, posteriormente se voltam ao grande conto, quando estas mesclam suas narrativas ao coletivo do bando. O enviesar das histórias acontece pelo reconhecimento do contexto da violência personificada no conto pelas cicatrizes vislumbradas, e, metaforicamente, pelas confissões, além de outros recursos linguísticos e estilísticos. Esse processo de constantes agressões resultou em um estado de exaustão dessas mulheres, que não mais se submetem às agressões e as usam contra seus agressores como forma de sobreviverem ao contexto de violência ao qual foram condicionadas. Para combater seus opressores, negavam qualquer tipo de sentimento, tanto de amor quanto de ódio, pois o que as movia era o sentido de justiça. Todavia, é no convívio do bando que a humanidade das personagens é recobrada, mesmo que as feridas do passado continuassem presentes, foi com/no bando que elas foram ouvidas e, por meio da palavra, suas histórias foram significadas.

Através de uma literatura não canônica, reconhecemos a construção de um sertão no qual as leis são impetradas por mulheres, lugares desconhecidos revelam as veredas de cada sertão confessado pelas 21 jagunças. Mulheres que se mostram, em matriz selvagem, tão sobreviventes quanto às barrancas do rio Paracatu, seu

protetor natural. O autor, ao dar voz às personagens, pactua a relação entre narrador e leitor, pois ao adentrar as nuances das narrativas o leitor toma posse dessa voz, sendo ele a própria voz. Foi possível inferir tal menção pelas passagens do conto em que as personagens se apresentam ao leitor de forma direta, no intuito de que a representatividade dessas mulheres se estendesse a qualquer tempo e lugar, por tratar de questões que até hoje são “tabus sociais”, sendo elas: o desejo, a força, a inteligência e a não resignação ao patriarcado e o reconhecimento de suas trajetórias.

REFERENCIAS

TEXTOS LITERÁRIOS

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

NÉTTO, R. **As Jagunças**. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato, 2009.

NÉTTO, R. **Coleção faroeste sertanejo: Sertões de Sangue**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013.

OLÍMPIO, D. **Luzia-homem**. Baseado na 9 edição, São Paulo: Ática. 1983. Disponível em: www.bibvirt.futuro.usp.br. Acesso em: 13 maio. 202.

QUEIROZ, R. de. **Memorial de Maria Moura**. 21. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-memorial-de-maria-moura-rachel-de-queiroz-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>. Acesso em: 23 maio. 2023.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 102. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Biblioteca Luso Brasileira, Editora Nova Aguilar, 1994.

TÁVORA, F. **O Cabeleira**. Ministério da Cultura: Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro, 1876. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

TEORIA LITERÁRIA

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: 1-Fatos e Mitos**. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia Livros, 1970.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. In: _____. **Poder simbólico**. 13 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro Bertrand Brasil., 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

GALVÃO, W. **As formas do falso**. Um estudo sobre a ambigüidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1972.

JAUSS, H. R. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática S.A, 1994.

CRÍTICA LITERÁRIA

VILALVA, W. A. M. **Marias: estudo sobre a donzela guerreira no romance brasileiro**. Campinas, SP: [n.d.], 2004. **Tese** (Doutorado em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

Capítulo 5

MAPAS MENTAIS ALFABETIZAR INCLUINDO: PERSPECTIVAS E APRENDENDO EM SALA DO 1º ANO, ALUNOS COM/SEM DEFICIÊNCIA

Rute Barboza da Silva ¹⁰

Lucimar Perondi ¹¹

INTRODUÇÃO

Muitas são as discussões em torno do aprendizado significativo que norteia a alfabetização e o letramento, a aprendizagem vem sendo conduzida apontando métodos e inovações onde a prática docente necessita de conhecimentos pedagógicos inovadores levando em consideração que o aprender sejam relacionados a

1. Graduada em pedagogia; União das Escolas Superiores de Rondônia (UNIRON). Letras Libras. Especialista em: Práticas Pedagógicas; (IFMG) Psicopedagogia; Porto (FGV), Gênero e Diversidade na Escola (em curso), (UNIR). Atuante como professora nível II, séries iniciais. Comendadora: Cruz do mérito da Educação. Mestranda em Educação pelo programa de pós-graduação (PPGE), pela Universidade Federal da Rondônia (Graduada em Pedagogia, (NIR). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Rosário (UNR).

¹¹. Graduada em Pedagogia. Associação de Ensino Superior da Amazônia, Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e Letras de Rondônia - FARO. Especialista em: Psicopedagogia e Educação Inclusiva, pela Faculdade da Amazônia - FAMA. Neurociências e Neuropedagogia na Educação- (cursando), pela Faculdade RHEMA. Cursou com êxito, o curso de Formação em Metodologias, Inovações e Práticas para o Ensino e a Aprendizagem pela Prefeitura de Sobral & Universidade Federal do Ceará. Autora do livro “A professora Idealizada pelos alunos”, sendo um livro de Literatura Infantil, pela Estante Mágica.

momentos de satisfação e prazer nas descobertas da leitura e da escrita.

Neste capítulo será apresentada uma interface utilizando como premissa os conceitos de mapas mentais, aplicando o conhecimento em uma escola da rede municipal de ensino. Essa, por sua vez, foi desenvolvida em sala de primeiro ano, na matéria de Língua Portuguesa e Ciências com três alunos, um deles com Transtorno do Espectro Autista-TEA¹², com seis anos de idade.

Considerando os aspectos das habilidades, interesse e estilo de aprendizagem de cada aluno, o presente trabalho tem por finalidade colocar em práticas conhecimentos prévios e refletir sobre qual a importância do uso de mapas mentais como ferramenta de aprendizagem, de que forma contribui estimular a criatividade e capacidade de raciocínio do aluno, para promover o desenvolvimento de suas habilidades.

Delimitou-se essa temática, pois, se acredita que os mapas mentais possibilitam uma forma de sintetizar e sistematizar um determinado conhecimento, oriundo do contexto ao qual o sujeito está inserido e ajudam no processo de assimilação e acomodação de conteúdo, pois, enfatizam que eles estimulam o processo de aprendizagem com livre associação de imagem despertando a memória visual e simbólica.

Neste caso optou por temas geradores de palavras e sílabas chaves onde, irão desenvolver ramificações com

¹² O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por **desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social**, padrões de **comportamentos repetitivos e estereotipados**, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>

símbolos, cores e figuras que vão distinguir e acoplar novos elementos de situações em estudo, pois é de conhecimento do aluno, além de perceber que é um tema que lhes prende atenção durante um determinado tempo.

OBJETIVO

Esse trabalho tem por finalidade esclarecer as notórias contribuições de como a utilização de metodologias e estratégias ativas podem auxiliar o desenvolvimento de aprendizagem significativa de forma prazerosa e eficaz, dando ênfase à, explorando os pensamentos criativos e a imaginação.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Há algumas décadas passadas, as informações não eram disponíveis e acessíveis, buscar informações exigia muito tempo e esforço. Hoje na atualidade, há grande dificuldade em filtrar todas as informações de um ponto de vista sobre o mesmo tema ao qual temos uma enxurrada de informações, bastando nos conectar a algum sistema de informação.

Neste contexto, precisamos de ferramentas de comunicação que nos auxiliem a sintetizar essas informações de forma clara e evidente, facilitando os conceitos em muitos aspectos o qual não é diferente na vida acadêmica dos alunos, eles também necessitam organizar os conteúdos estudados de forma a estarem de fato concretizando o conhecimento adquirido e abrindo caminho para os novos.

Essa ferramenta chamada de mapas mentais são guias físicos ou virtuais que nos ajudam a memorizar informações de forma mais eficiente. Para Castro

(2015), traz suas contribuições dizendo que: “mapas mentais trata-se de uma estratégia para a organização visual das ideias, por meio de palavras-chave, cores, imagens, símbolos e figuras”. (CASTRO, 2015, p.74).

O aluno é guiado pelo poder dos desenhos, destacando que vale a pena aprender a manusear essa ferramenta, pois, estimula a mente, favorecendo o aprendizado e melhorando a criatividade e a produtividade pessoal.

Defendendo essa ideia Buzan, (2009) diz:

“À utilização dos mapas mentais é mais prazerosa: torna o ensino e o aprendizado uma experiência mais fácil e prazerosa”. Assim o alunado pode estar evoluindo de forma eficaz na consolidação da aprendizagem. (BUZAN,2009. p.76)

Na sala de aula, algumas implicações interferem na aprendizagem do aluno; acolhimento do aluno, harmonização do espaço de sala de aula, didática do professor, este por vezes não consegue realizar um trabalho que realmente traga resultados satisfatórios, surgem questionamentos sobre o processo de ensino e aprendizado. O que leva muitos a repensar suas práticas e estratégias de ensino levando o professor a pesquisa sua própria prática. O docente precisa ser constante pesquisador e questionador, ensinando e sendo ensinado na diversidade por meio de suas práticas escolares rotineiras.

Nesse sentido Freire (1996) enfatiza:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisas em ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei por que indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. (FREIRE,1996, p.32).

É necessário reconhecer o papel do professor mediador, uma vez que ele é aquele que constrói situações de ensino-aprendizagem, transformando as aulas em algo mais relevante, através de suas práticas de observações e pesquisas, possibilitando o desenvolvimento significativo do conhecimento dos alunos. Os mapas mentais têm muito a contribuir por suas estruturas de base serem formas criativas que favorecem o assimilar dos conteúdos, nesse sentido Buzan (2005), relata que:

Todos usam cores; têm uma estrutura natural que parte do centro; todos utilizam linhas, símbolos, palavras e imagem de acordo com um conjunto de regras simples, básica, naturais e familiares ao cérebro. (BUZAN, 2005, p. 21).

Essa valorização na estrutura de construção dos mapas, facilita a absorção do conhecimento. Sendo assim, repensar em novas estratégias é algo inevitável como diz Corrêa & Aparecida, (2011).

O fazer “criativo” é por excelência um espaço potencial, um momento mágico e progressivo que se vivencia nas relações do ensino aprendizagem; vivencia esta intranferível. Cria-se estratégias nas quais despertam e se desenvolvem as múltiplas competências (CORRÊA e APARECIDA, 2011, p.18).

Nesse contexto Correa e Aparecida (2011), afirmam que a criatividade e a imaginação no ensino e na aprendizagem proporcionam aos alunos desenvolver habilidades necessárias para combater as dificuldades e desafios na vida acadêmica dos alunos.

As estratégias utilizadas pelo professor se tornam as mais relevantes, pois desenvolvem o pensamento e a criatividade de maneira a enaltecer o prévio conhecimento, e estabelecer metas a ser alcançada de forma mais sutil e harmoniosa. Nessa perspectiva, Silva e Paz, (2019): comungam do seguinte pensamento:

O aluno terá de expor pensamentos e possibilidades de ensinar/aprender a partir do que lhe propícia alegria e satisfação colaborativa e, não somente através de concepções arcaicas e tradicionais, das quais nunca fara uso ou poderá interagir ao seu dia a dia vital. (SILVA & PAZ, 2019. p.144).

De acordo com (Moreira, 2006 p.15): “... Aprendizagem significativa ocorre quando a nova

informação se ancora em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva”. Com isso os mapas mentais contribuem para assimilar novos conceitos e organizar a construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento com aprendizagem significativa

Neste mesmo viés Zabala (2008) traz suas considerações:

Para poder estabelecer os vínculos entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios, em primeiro lugar é preciso determinar que interesse, motivações, comportamento, habilidades etc. Devem constituir o ponto de partida. Para conseguir que os alunos se interessem é preciso que os objetivos de se informar e aprofundar sejam uma consequência dos interesses detectados; que eles possam saber sempre o que se pretende nas atividades que realizam e que o que fazem satisfaz a alguma necessidade (ZABALA, 2008, p. 94).

De tal forma, o olhar dinâmico do professor deve ser visto como ferramenta inseparável de suas atribuições, pois, um olhar diferenciado mais seletivo consegue distinguir diversas situações de dificuldade de aprendizagem onde as intervenções realizadas assertivamente, irão ter grande relevância para a vida acadêmica, sanando as lacunas e estimulando e encorajando ao novo.

Desta forma os conceitos aprendidos necessitam ser colocados em prática, para averiguação dos fatos e reformulação de ideias, fazer reflexão sobre a teoria e a prática é o caminho mais viável para práticas educacionais reflexiva, onde, ligamos e o viés do que se fala e do que se pratica.

Nesse contexto de práticas Paulo Freire deixou suas contribuições em seu livro Pedagogia da Autonomia ressaltando “que a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá blá blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2007. p. 22).

Sendo assim esse trabalho se consolida colocando em práticas as teorias estudadas, para análise de seus resultados.

INTERVENÇÕES PRÁTICA

As atividades foram realizadas em sala de aula, durante o decorrer das atividades prevista no mês de maio e junho de 2023, todos os alunos participaram, porém, serão destacados três alunos de seis anos, que serão identificados pela sigla “SC”, “MC” e “EZ”. Foi escolhida a sala de aula comum por ser um espaço de vivência das crianças, assim, não demonstraram resistência em realizar as atividades por ser espaço do seu dia a dia. As atividades foram realizadas com muito interesse e disposição.

Houve um primeiro momento de conversa, demonstração e explicação das atividades a serem realizados, eles tiveram oportunidade de ver alguns trabalhos ilustrativos por imagem, demonstrando como seriam as atividades propostas, foram realizada seis atividades em seis dias de aula.

Inicialmente, a atividade realizada foi construir um mapa mental com recorte e colagem de figuras com situações relevantes que devemos ter para crescer com saúde, foram oferecido papel sulfite, livro usado, tesoura, cola e hidrocor para os alunos pesquisaram as figuras, discutiram sobre a imagem e posteriormente, recortaram e colaram de forma a criar ramificações com sentido e importância para a os alunos.

No desenrolar das atividades do mapa mental todos tiveram um pouco de dificuldade, mas aos poucos foram descobrindo como justificar a necessidade de determinada imagem e relacionando a sua real importância. A cada figura que encontravam a alegria tomava conta da sala, eles queriam relatar o sentido da ligação com o assunto trabalhado e conforme eles conseguiam colar mais figuras, tinham o prazer de fazer a leitura visual do mapa comentando a conquista.

A etapa seguinte da atividade foi deliberada pelos alunos. A produção partia de palavras que começavam com “SA/CA”, foi fornecido uma folha de sulfite, com a sílaba centralizada, os alunos iniciaram a atividade pela cobertura do traçado da sílaba com papel crepom, por ser sílabas em estudo eles começaram a pesquisar palavras e figuras que tivesse ligação com a sílaba centralizada, colando e fazendo a leitura relacionando som e imagem, demonstravam muita empolgação ao realizar cada etapa da atividade, sendo criteriosos, com os desenhos para a atividade ficar com boa aparência e legível. Em outros momentos foram realizadas pesquisas em livros usados, buscando figuras com tema poluição ambiental nas águas, ar e solo, animais domésticos e silvestres, no entrosamento das pesquisas, sobressaia o entusiasmo e satisfação ao reconhecer as figuras fazendo ligação com o tema em foco, buscando ajustar as figuras no papel havendo muita

discussão entre eles, dialogavam para entrar em consenso em torno do espaço, cor dos riscos e quantidade de figuras e cola a serem utilizadas.

Nessas discussões, cada figura encontrada, eles começavam a relatar a situação em que figura remetia, dando ênfase a seus prévios conhecimento e ouviam o relatos de seus colegas sobre o mesmo assunto, assim, seu leque de informações aumentava a cada figura encontrada.

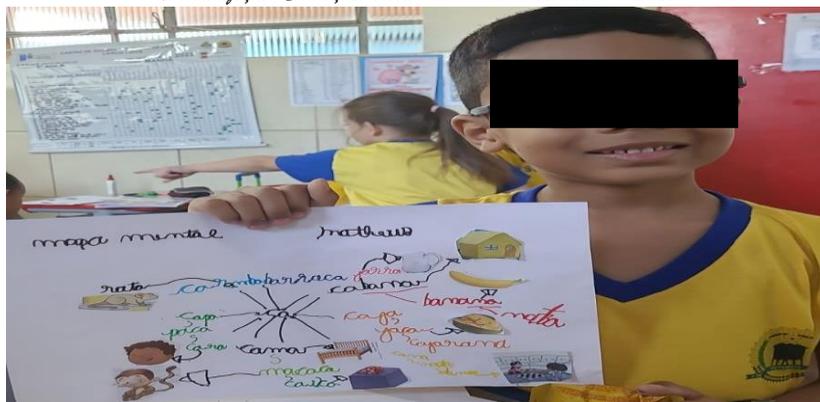
No primeiro momento o aluno SC escolheu figura de um menino e centralizou, depois começou fazer riscos coloridos conforme encontravam as imagem adequadas.

Figura 1: mapa de palavras e figuras. Aluno: SC



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

Figura 2: mapa de palavras e figuras. Aluno MC



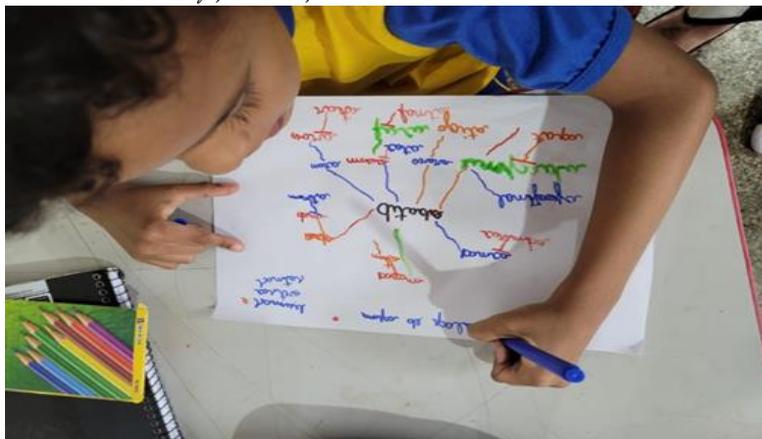
Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)

Com seguimento das atividades foi realizado um ditado e, foram orientados a centralizar a palavra ditada no meio da folha, e posteriormente eles teriam que construir outras palavras ramificadas da primeira, ficou decidido que fariam a atividade com caneta hidrocor para ficar colorido e ter boa visualização.

Essa atividade foi desenvolvida como estratégia de reforço e averiguação da aprendizagem. Foi possível identificar algumas falhas que necessitava-se de reforço. Relembramos algumas situações de aprendizagem como som das sílabas, palavra dentro da palavra, sílaba inicial do meio e final.

Assim os alunos realizaram com bastante entrosamento e dedicação, pensando bem antes de escrever, tirando dúvidas quando necessário. As palavras foram sendo escritas e eles iam riscando com canetinha, colorida fazendo seus raminhos como se fosse neurônios fazendo conexões e brotando na folha, tamanha era a alegria deles conseguindo realizar, que no momento em que não tinha mais espaço na folha eles queriam mais folha para continuar escrevendo.

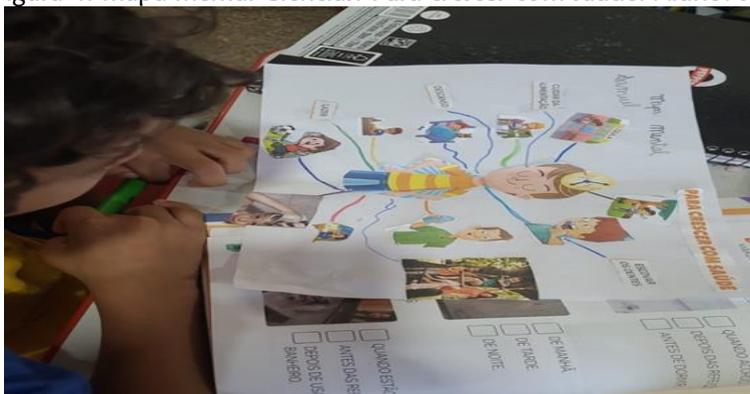
Figura3: Mapa Mental Língua Portuguesa: Ditado Aluno: SC



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)

O aluno SC escolheu figura com atitudes favoráveis ao crescimento saudável, recortou figura de um menino e centralizou, depois começou fazer riscos coloridos conforme encontravam as imagem adequadas.

Figura 4: mapa mental Ciências: Para crescer com saúde. Aluno: SC



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

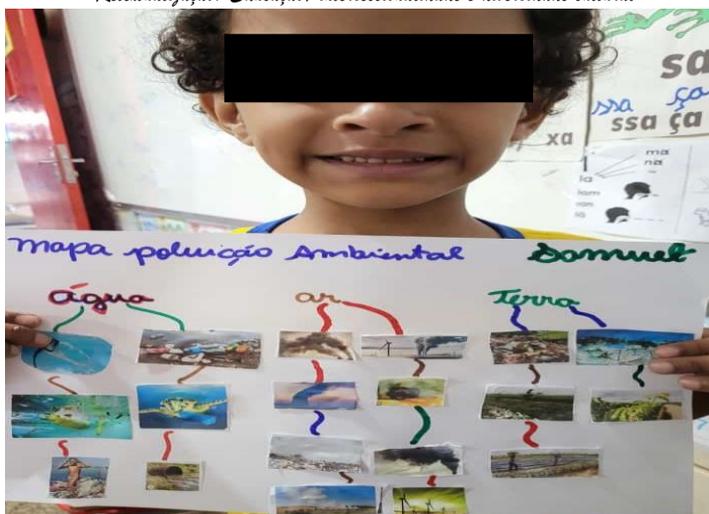
Nesse momento alunos fizeram um trabalho em conjunto procurando e recortando figuras com poluição ambiental nas águas, solo e ar, entrando em discussões

sobre o que eles conheciam sobre o tema, conversando entre eles seus conhecimentos prévio sobre o assunto, e assim cada figura encontrada eles se questionavam se era realmente favorável colocar no mapa.

Cada um defendia seu ponto de vista, e iam criando colando as figuras nos ramos de poluição que eles achavam que pertencia. Mas descobertas de figuras novas, que não era de seu conhecimento, se remetia a professora para tirar as dúvidas com muita empolgação.

Figura 5: Mapa Mental Ciências: Poluição Ambiental aluno: SC

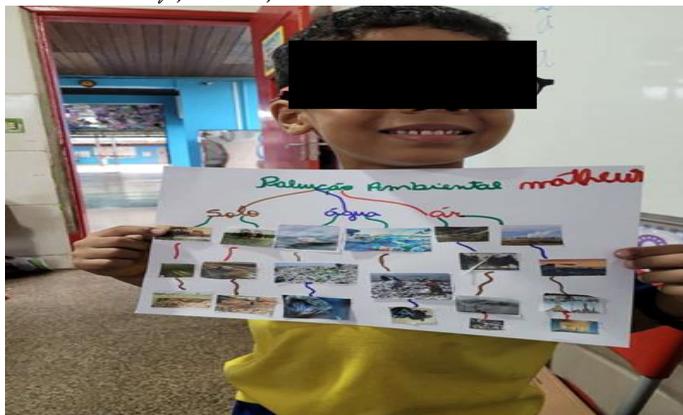




Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)



Figura 6: Mapa Mental Ciências: Poluição Ambiental aluno: MC



Fonte: Elaboradas pelas autoras (2023).

O aluno EZ-(TEA), realizou sua atividade em classificar os animais por seus tipos de cobertura corporal, no primeiro momento sentiu dificuldade de entender e classificar essa divisão, então, recebeu apoio com figuras representativas sobre o que significava cada uma delas. E assim, conseguiu pesquisar, recortar e colar as figuras em seu mapa com muita alegria e, se empolgava quando reconhecia o animal e distinguia sua cobertura corporal, se sentiu realizado ao terminar a atividade, se-expressou dizendo: - “vou mostra pra minha mãe, vou dizer que eu fiz sozinho, ela vai ficar feliz”.

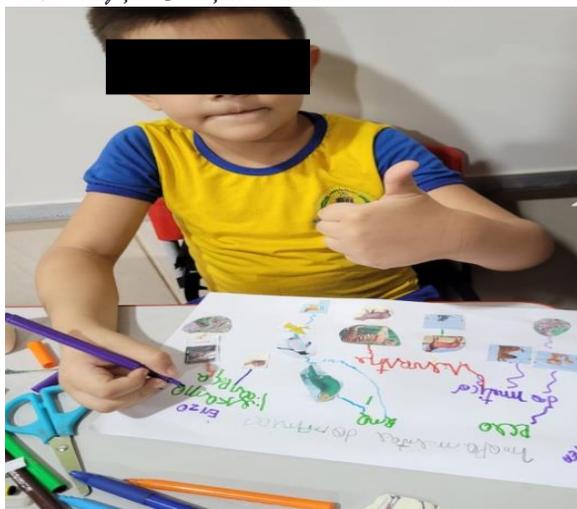


Figura 7: Mapa Mental Ciências: Classificação dos animais: Penas, Pelos, escamas e carapaças. Aluno: EZ- (TEA).



Fonte: Elaboradas pelas autoras (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos e na análise das atividades realizadas, ficou claro que a o trabalho com mapas mentais

é de grande relevância para a aprendizagem significativa, eles fazem a ligação entre o pensamento e a realidade externa do aluno, e possibilita que o aluno trace suas ideias de forma mais acessível, levando em consideração a particularidade do aprender a apreender dos alunos.

Perante o desenvolver das atividades, foi possível observar a importância do uso dos mapas mentais como ferramenta de estratégia para ajudar os alunos a organizar e estruturar de forma clara, visivelmente satisfatória e prazerosa as informações, facilitando a compreensão e a retenção dos conteúdos estudados.

A conexão das ideias que os mapas mentais proporcionam aos alunos torna seu vocabulário de conhecimento mais enriquecido, desenvolvendo suas habilidades com mais facilidade e viabilizando novos conceitos e novas possibilidades de aprendizagem. A presente pesquisa corroborou quanto a necessidade do trabalho realizado no primeiro ano do ensino fundamental, no que tange a ferramenta de estruturar o pensamento e desenvolver novas habilidades de forma visivelmente atraente aos olhos dos alunos, estimulando a criatividade e a vontade de participar da realização nas atividades já que, estes através desta atividade “mapas Mentais” recebem estímulos visuais, motor, auditivos, inteligente e positiva. Assim, comprova-se que o trabalho com mapas mentais é essencial para construção do conhecimento.

As pesquisas referentes a este tema não param por aqui, existe muito para ser explorado e trabalhado, para oportunizar um ensino em que o aluno possa ser o protagonista de seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BUZAN, Tony. **Raciocínio e emoção**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- BUZAN, Tony. **Mapas mentais e sua elaboração**. Um sistema definitivo de pensamento que transformará sua vida/ Tony Buzan: tradução Euclides Luiz Calloni, Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BUZAN, Tony. **Mapas mentais/Tony Buzan**: tradução de Paulo Prolzonofl Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2009
- CASTRO, Claudio de Moura. **Você sabe estudar? Quem sabe, estuda menos e aprende mais**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa/Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. -2007.
- Moreira, Marco Antônio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora da UnB, 2006.
- SILVA. Rute Barbosa da: **GESTÃO DA SALA DE AULA, FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ENSAIO**.IM: Retextualização: educação, literatura e linguagem/Orgs: José Flávio da paz; Maria Socorro Rodrigues Porto Santos;Nestor Raul González Gutierrez. – Joinville:Clube de Autores, 2019, 2ªEdição.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar/Antoni Zabala**: tradução Ernani F. daF.Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998- 2008.

Capítulo 6

CANTIGAS DE RODA: A SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PÓS PANDEMIA

Fernanda Oliveira Menezes ¹³

Francisca Vanuza Calixto de Oliveira ¹⁴

Itamar Braga Monteiro de Souza ¹⁵

INTRODUÇÃO

As experiências da criança na educação infantil é um importante auxílio à constituição de um desenvolvimento social e afetivo desses sujeitos conforme o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), a criança é um ser social e histórico, que carrega em si suas particularidades, são indivíduos que sentem e pensam o mundo de um jeito específico (BRASIL, 1998). Sendo assim, é necessário que o professor compreenda as especificidades

¹³ Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Porto Velho- PORTO em Porto Velho-RO. Pós-graduada em Práticas em sala de aula pela Faculdade Unina - Curitiba Paraná. Mestranda pela Universidade São Francisco - USFE-mail: fernandafpmenezes@hotmail.com

¹⁴. Graduação em Letras/Português pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Especialista em psicopedagogia pela Faculdade Católica Porto Velho-RO/ (FCR). Esp. Em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela (FAEL). E-mail: vanuza2703@gmail.com Mestranda pela Universidade São Francisco – USF. E-mail: vanuza2703@gmail.com

¹⁵ Graduação Pedagogia- Uniron União das Escolas Superiores de Rondônia. Pós-Graduação LIBRAS-Uniron Pós-Graduação AEE- (UFC) Universidade Federal do Ceará. Mestranda pela Universidade São Francisco – USF. E-mail: itamarfbraga@hotmail.com

de cada sujeito que ao adentrar a sala de aula traz consigo suas vivências, suas experiências afetivas e sociais no contexto familiar.

Doravante a esse contexto, no ano de 2020 o mundo enfrentou uma pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 que devido à gravidade enfrentada, vários países decretaram calamidade pública. No intuito de frear a propagação do vírus, adotaram protocolos de segurança a serem seguidos. Um deles foi o isolamento social. Dessa forma, as crianças não poderiam frequentar as escolas, sendo assim, foram criados métodos para que o ensino educacional chegasse até a essas crianças. Entre esses métodos, foram adotadas vídeo aulas, na qual consistiam em gravação e envio das atividades via plataformas digitais. Para Lopes (2020) "O papel da escola torna-se essencial para que tanto o desenvolvimento cognitivo quanto a interação com o outro possam ser efetivos."

Nesse sentido, observou-se que, com o retorno das crianças à escola, muitas apresentavam dificuldades em se expressar através da linguagem oral, não demonstravam interesse em participar das brincadeiras propostas e cantar as músicas no momento de acolhida. Demonstravam dificuldades em realizar movimentos fáceis, o que seria comum na idade deles. Conforme Lopes:

Na primeira infância, período que corresponde do zero aos seis anos de idade, o desenvolvimento cognitivo da criança está associado aos fatores sociais, afetivos e linguísticos. Através da comunicação com o outro, a criança pode apresentar enriquecimento do vocabulário e de

novos comportamentos (LOPES, 2020, p. 5).

Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo contribuir com o desenvolvimento da linguagem oral e a socialização desses sujeitos, através das cantigas de roda. Evidencia-se aqui, de que ao socializar, discutir e registrar práticas com outros educadores com os mesmos objetivos do fazer pedagógico, o professor reconhece a criança como protagonista e criadora do seu próprio processo de aprendizagem, mantendo sua identidade docente, fortalecendo a importância da escola e da função do professor no processo do desenvolvimento humano.

Procuramos fundamentar nossas reflexões em livros, artigos, teses, dissertações que discorrem acerca da área de educação infantil, habilidades sociais, cantigas de roda e música.

A CRIANÇA E O CONTATO COM A MÚSICA

Desde o nascimento, os bebês são colocados em contato com a música. Entre elas as tradicionais canções de Ninar, a jornalista Giovanna Forcioni (2022) da revista Crescer em seu artigo nos diz que elas “são uma ótima pedida para aproximar ainda mais mãe e bebê”. Também podem ser cantigas de roda em um ritmo mais lento, a clássica, instrumental, entre outras. A música está presente em vários momentos do desenvolvimento e no crescimento das crianças, e estará presente ao longo da vida.

A música possibilita alguns benefícios entre eles: socializar, interagir, contribui para o estímulo da linguagem, colabora no desenvolvimento seja das crianças, adultos ou idosos. Nesse sentido, o Referencial Curricular

da Educação Infantil-RCNEI (1998) acrescenta que: “é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio” (RCNEI, 1998 p. 45).

O ser humano utiliza a música em diversas situações do seu dia a dia, sejam elas para expressar as emoções, comemorações, despedidas, estando presente mesmo sem que a perceba.

Quando a criança é inserida no ambiente escolar, ela também terá contato com a música visto que, elas são encaixadas em vários momentos da rotina escolar, e de segundo o - RCNEI (1998):

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc. traduzidos em canções (BRASIL, 1998, p. 47).

A música no contexto escolar a muito, vem contribuindo com a prática docente e no despertar o interesse das crianças para ouvir ou participar de algum momento, ou evento do cotidiano. Com ela as crianças interagem, socializam, expressam suas emoções, estimulam a criatividade, aprendem e compreendem muito rápido a mensagem do que se quer transmitir. Silva (2016, p. 2) ainda diz que:

A música, ao ser explorada pedagogicamente, contempla todos os aspectos da criança, ou seja, aspectos cognitivo/linguístico, psicomotor e afetivo/social. Ela é capaz de globalizar todos esses fatores, contribuindo positivamente para o desenvolvimento integral da criança.

Desse modo, percebe-se que o contato das crianças com a música, vai muito além do que só ouvir a canção, pois ela engloba vários fatores que favorecem no seu desenvolvimento integral. O referencial curricular da ed. infantil afirma que:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo

geral, e na educação infantil, particularmente (RCNEI, 1998, p. 45).

Neste cenário, a música, como prática lúdica, é opção viável de efetivação didática pedagógica no contexto da Educação Infantil, sendo assim, buscaremos explanar acerca das cantigas de roda, sua importância e como ela pode contribuir, e fortalecer aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos.

CANTIGAS DE RODA

Cantigas de roda ou cirandas é um tipo de música popular que está diretamente ligada às brincadeiras infantis, fazendo parte da cultura folclórica brasileira. A UNESCO declara que folclore é sinônimo de cultura popular e representa a identidade social de uma comunidade através de suas criações culturais, coletivas ou individuais, e é também uma parte essencial da cultura de cada nação.

Dentro do espaço educacional infantil, as cantigas de roda exercem um papel fundamental na formação e construção de conhecimentos, o cantar e os gestos ligados à música estão continuamente presentes na rotina das crianças, seja para marcar tempos ou espaços pedagógicos como, por exemplo, o canto para a hora do lanche, música para acolhida, enfim, para várias situações dentro do espaço escolar, contribuindo assim para seu desenvolvimento global. Para Luckesi (2005) Apud Gonçalves e Vinha (2018, p. 79) “o âmbito escolar é um espaço onde a criança pode vivenciar suas experiências lúdicas”.

Dessa forma, é imprescindível promover diariamente momentos lúdicos de aprendizado dentro da

educação infantil, pois é através das 'brincadeiras cantadas', que as crianças demonstram seus interesses e criam seus conhecimentos a partir de suas experiências, ou seja, a criança aprende enquanto brinca e ao brincar, a criança inventa situações fictícias, correspondendo aos desejos não realizáveis naquele momento, procura dar significado ao mundo, seja pela imitação, ou brincadeiras musicais e das cantigas de roda.

O gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta. Brincar de roda, de ciranda, pular corda com ritmo de um canto são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brincadeira (BRASIL, 1998, p. 70-71).

Assim, as cantigas de roda são uma excelente forma de promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na educação infantil, pois são compostas por letras simples e repetitivas, o que facilita a compreensão e a memorização das palavras pelas crianças, à socialização, o desenvolvimento da linguagem e ao conhecimento cultural. Ao cantar e repetir as letras, elas expandem seu conhecimento, aprimoram a pronúncia e desenvolvem habilidades de comunicação. Para Kuzuyabu (2012) apud Gonçalves e Vinha (2018, p. 76).

A contribuição da música na Educação Infantil, no caso as cantigas, são de extrema importância no desenvolvimento das crianças, principalmente no sentido das habilidades motrizes. As habilidades de força, equilíbrio, resistência, coordenação e flexibilidade são também desenvolvidas (KUZUYABU, 2012).

Através das cantigas de rodas é possível contemplar os seus seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil estipulados na Base Nacional Comum Curricular que são: conviver, participar, expressar-se, conhecer-se, brincar e explorar. Caberá ao professor planejar sua prática com intencionalidade, visando promover as crianças que são sujeitos de direitos, experiências que permitam que elas conheçam a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, sendo de terem seus direitos respeitados.

O professor deve estar junto com as crianças ajudando-as a combinar e cumprir regras, e a desenvolverem atitudes de respeito e cooperação que, além de tão necessárias para as crianças pré-escolares, tornam-se importantes para desenvolvimento de habilidades desportivas que estas venham a desenvolver mais tarde (BATISTA & AMORIM, 2008, p. 633).

Além disso, ao participar de brincadeiras coletivas, as crianças aprendem a seguir regras, compartilhar e interagir com os colegas, fortalecendo suas habilidades sociais. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) ressalta que o desenvolvimento da criança ocorre mediante as interações sociais (BRASIL, 1998). Nesse sentido, trabalhar características que tangem o respeito aos colegas e a colaboração devida em momentos de canto e dança de roda, faz-se necessária para fortalecer os valores e vínculos adquiridos nesses momentos. Evidencia-se nesse processo, o desenvolvimento das linguagens, especialmente a oral.

METODOLOGIA

O projeto de intervenção teve início em setembro de 2021, pós-pandemia, inicialmente com os participantes de uma turma com 24 crianças da creche A são os pesquisadores, de modo participativo. Devido sua relevância, foi proposto a todas as crianças da educação infantil, sendo expandido para os dois turnos da escola, totalizando 192 crianças. Porém, as observações que trataremos aqui foram com a participação de 96 crianças do período matutino.

A pesquisa aplicada foi do tipo pesquisa ação, que é uma pesquisa social com base empírica e de forma qualitativa etnográfica, que conforme (THIOLLENT, 1986) “nela os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 1986 p. 15).

Observou-se a importância da cooperação entre pesquisadores e participantes, que de forma ativa

encontram soluções para equacionar o problema. Na pesquisa realizada, as estratégias de avaliação e acompanhamento encontrados para ajudar as crianças a obterem o interesse e alegria de estudar no convívio escolar pós-pandemia, foi intensificar a socialização através das cantigas de roda de forma lúdica e com rotina diária.

Na escola na qual foi realizada a pesquisa, toda equipe escolar colaborou, cada um com sua responsabilidade, para que a pesquisa fosse realizada de modo satisfatório sem nenhuma intercorrência. Pois, de acordo com Thiollent, “A pesquisa-ação é realizada dentro de uma organização (empresa ou escola, por exemplo) na qual existe hierarquia ou grupos cujos relacionamentos são problemáticos (Thiollent, 1986 p. 17).

A equipe escolar se posicionou com medidas ativas diante da situação observada na pesquisa, onde cada integrante do grupo passou a desempenhar um papel relevante diante da situação encontrada para melhorar a realidade das crianças na escola no retorno pós pandêmicos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto de intervenção denominado: "Cantigas de roda: A socialização das crianças da educação infantil pós pandemia" começou em setembro de 2021 e vem sendo realizado até os dias atuais, devido sua relevância para a educação infantil. Ele teve como objetivo geral estimular a linguagem oral através das cantigas de roda, e como objetivos específicos, o aprimoramento da coordenação motora, estímulo à memória musical e o desenvolvimento do autoconhecimento corpóreo.

Ao escolher as cantigas de roda como instrumento de intervenção, foi possível resgatar manifestações da nossa

cultura. Seleccionamos as cantigas de roda, por serem músicas curtas, com repetições e movimentos corporais que fazem parte da nossa cultura e que na atualidade quase não ouvimos as crianças cantarem. Michahelles (2011, p. 4) corrobora quando diz:

Em tempos, em que estas manifestações da cultura popular espontânea estão com o seu espaço tão diminuído. Nas ruas, nas praças, nos quintais está mais raro de se ver ou ouvir-se das bocas infantis aquelas canções que, na simplicidade das suas melodias, ritmos e palavras, guardam séculos de sabedoria e a riqueza condensada do imaginário popular.

Por estarem cada vez mais ausentes nos ambientes infantis e em muitos lares, e até mesmo nas escolas infantis, as cantigas precisam ser resgatadas vista sua riqueza para o desenvolvimento das crianças, a valorização e o perpassar da nossa cultura. Por esses motivos e seus benefícios é importante que o professor inclua as cantigas em sua prática docente diariamente, nesse sentido o referencial curricular da educação infantil afirma que:

O professor estará contribuindo para o desenvolvimento da percepção e atenção dos bebês quando canta para eles; produz sons vocais diversos por meio da imitação de vozes de animais, ruídos etc., ou sons corporais, como palmas, batidas nas pernas, pés etc. (RCNEI, 1998 p. 58).

Sabendo da importância que o papel do professor tem para contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, queríamos proporcionar um momento de interação e socialização, com estímulo da linguagem oral, através da música a todas as crianças da educação infantil da unidade escolar.

No início da implantação do projeto, ocorreram algumas dificuldades, pois mudou a rotina a qual estavam acostumadas. Ao invés de ir para salas de aula, teriam que se dirigir para o auditório, que é um local bem amplo, estimulando-as a correrem por toda parte. Estratégias precisaram ser criadas, para que elas se mantivessem tranquilas enquanto aguardavam os demais.

No começo apenas as professoras da creche e do pré I eram as mediadoras desses momentos, pois as demais alegavam que não sabiam ou não lembravam da letra das cantigas de roda. Porém, com a prática diária elas foram aprendendo, e quando se sentiam inseguras ou esqueciam partes da letra das músicas, sempre uma auxiliava a outra.

Para execução das atividades musicais, adquiriram-se como recursos, caixa de som, pen-drive, caixa surpresa com figuras representando os personagens das músicas que estavam sendo executadas, e uma imitação de microfone, confeccionado visando estimular a fala, o canto, o desejo em participar e movimentar-se, pois de acordo com Silva (2016, p. 5) “Esses instrumentos, quando utilizados de maneira correta, constituem ferramentas eficazes na consecução de atividades para a Educação Infantil”.

Aos poucos, as crianças foram aprendendo a oração, as músicas e as coreografias, algumas começaram a expressar suas preferências musicais. Dessa forma, os objetivos pretendidos no projeto, foram alcançados em um espaço de tempo bem curto.

Ressalta-se que, a caixa de som, passou a ser levada para os ambientes externos da sala de aula, ou seja, em qualquer oportunidade as cantigas de roda eram executadas.

No decorrer deste processo, algumas crianças mostraram algum tipo de resistência para com os movimentos corporais. Entre elas, estavam os meninos: Davi de 4 anos, - “isso é coisa de menina”. E se recusava a participar. Todavia, no decorrer do projeto, esse pensamento foi sendo desconstruindo, uma vez que, o quantitativo de participação de meninos dançando as coreografias aumentou significativamente.

Dentre as várias cantigas ensinadas, as mais pedidas foram:

- Dois patinhos na Lagoa;
- Borboletinha;
- A cobra não tem pé;
- Chiclete, chiclete;
- Dona Aranha;
- O sapo não lava o pé;
- Atirei o pau no gato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que se estabeleceu esse momento de acolhida com as cantigas de roda, em setembro de 2021, era diariamente presenciado o progresso das crianças ao vivenciar esses momentos de socialização, por meio das cantigas de roda. Vê-las nos procurar e demonstrar o que aprenderam, foi gratificante. Sendo assim, é imprescindível insistir que os professores adotem a música como instrumento de intencionalidades, socialização e de expressar suas emoções. Conforme a Base Nacional Comum (BRASIL p. 39) [...] essa intencionalidade consiste

na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura [...].

Em pouco tempo, foi possível ouvi-las cantando e dançando, enquanto pintavam ou brincavam. Dessa forma, era possível ver os resultados evidenciado dia após dia, uma vez que, as crianças estavam mais participativas, conversavam com as professoras e relataram experiências do seu cotidiano. Mostrando desenvoltura no aprimoramento da linguagem oral.

Desse modo, afirma o referencial curricular da educação infantil:

Uma vez que tenham tido muitas oportunidades, na instituição de educação infantil, de vivenciar experiências envolvendo a música, pode-se esperar que as crianças entre quatro e seis anos a reconheçam e utilizem-na como linguagem expressiva, conscientes de seu valor como meio de comunicação e expressão (RCNEI, 1998, p. 77).

Portanto, conclui-se que, a cantiga de roda é um mecanismo interessante, encantador e eficaz no trabalho de socialização e interação na educação infantil, sendo um recurso que deu resultado no progresso com as crianças no pós-pandemia podendo ajudar no estímulo da linguagem oral, desenvolvimento motor, cognitivo, social, afetivo, cultural, ampliando o vocabulário de uma maneira lúdica, agradável, divertida e prazerosa.

REFERÊNCIAS

BUTANTAN, Portal. Qual a diferença entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade? PORTAL BUTANTAN. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 07 jun. 2023.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Brasília 2010

BRASIL. Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União. Brasília. 23 dez. 1996. p. 27.833-27.841. . Acesso em 09 06 2023

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Disponível em: / Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> Acesso em 07 de jun. de 2023.

FORCIONI, Giovanna. **Cantar para bebês fortalece o vínculo entre pais e filhos.** Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Bebes/Saude/noticia/2022/03/cantar-para-bebes-fortalece-o-vinculo-entre-pais-e-filhos.html> Acesso em 07 de jun. 2023.

FUTURO, Educador do. **Aulas remotas na educação infantil: Saiba como transpor os principais desafios!** 2021. Educador do futuro safatec. Disponível em: <https://educadordofuturo.com.br/tecnologia-na-educacao/aulas-remotas-na-educacao-infantil/> . Acesso em: 31 maio 2023.

GONÇALVES, K. C. **Cantando e Aprendendo**. São Paulo: Rideel, 2008. Coleção cantando e aprendendo. MARTINS, M. N. A. S. **Cantigas de roda: O Estético e o poético e sua importância para a educação infantil**. Curitiba, PR: CRV: 2012.

GONÇALVES, M., & Vinha, M. (2018). **Cantigas de roda e brincadeiras cantadas: o lúdico e sua contribuição para educação infantil**. Horizontes - Revista De Educação ISSN 2318-1540, 6(11), 73–85. <https://doi.org/10.30612/hre.v6i11.8080>

LOPES, I. R. R. **Desenvolvimento social e afetivo na primeira infância: concepções de professoras**. Revista Caparaó, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e24, 2020. Disponível em: <https://revistacaparao.org/caparao/article/view/24>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MICHAHELLES, Benita. **Cantigas e Brincadeiras de Roda na Musicoterapia**. Artigos Meloteca 2011. Disponível em: <https://www.meloteca.com/pdf/musicoterapia/cantigas-e-brincadeiras-de-roda-na-musicoterapia.pdf>. Acesso em 05/06/2023.

PINTO, Alexina de Magalhães. **Cantigas das crianças e do povo e danças populares**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. (Coleção IKS. Série A).

REBELLO, Everton. **A cantiga de roda como instrumento pedagógico na educação infantil**. 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cantiga-de-roda> . Acesso em: 07 jun. 2023.

SILVA, Cleidiane De Oliveira. **As cantigas de roda no contexto da educação infantil**. Anais III CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/20290> . Acesso em: 09/06/2023 21:47

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6. ed. Especial São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

Retextualização: Educação, interseccionalidade e diversidade cultural

UNESCO. Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais. Paris: UNESCO, 2005.

Disponível

em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224p>

or.pdf Acesso em: 05/06/2023.

Capítulo 7

O GÊNERO TEXTUAL CHARGE COMO RECURSO DE FORMAÇÃO LEITORA E DE INTERPRETAÇÃO SEMIÓTICO-LITERÁRIA: PERSPECTIVAS E PROPOSITURAS PARA O 9º ANO

Dejane Rolim de Araújo ¹⁶

Orientador: José Flávio da Paz ¹⁷

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente capítulo intitulado *O gênero textual charge como recurso de formação leitora e de interpretação semiótica-literária* perpassa pelas discussões teórico-práticas das áreas da linguística textual, produção e interpretação do texto verbivocovisual, quando se tratando do letramento literário. Utilizou-se para análise, duas charges do cartunista Luiz Fernando Cazo, objetivando constatá-las, quando da efetiva aplicação, potencialidades de recurso de ensinar - aprender língua ou literatura de modo mais agradável e lúdico.

¹⁶ Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8592001464331329>. E-mail: dejaneras@gmail.com.

¹⁷ Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Pós-doutor em Educação-UniLogos/Estados Unidos; Pós-doutor em Psicologia-UFLO/Argentina; Doutor em Estudos Literários-Unemat; Mestre em Letras-Unimar; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Especialista em Educação Inclusiva-UNICID; Graduado em Letras-UFSC. CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfpaz@unir.br.

Nesse sentido, a proposta desta pesquisa partiu da percepção acerca das dificuldades de leitura, interpretação e compreensão de textos demonstrada pelos alunos, durante a experiência de estágio de observação e regência, junto aos alunos no ensino fundamental II e do ensino médio, vivenciada pela pesquisadora em escolas públicas Estadual do município de Porto Velho.

Durante a prática de estágio foi observado que o desenvolvimento das competências e habilidades de leitura continua sendo um grande desafio para professores e alunos. Essa observação levou-nos a refletir sobre: como formar leitores em um tempo tão limitado de aula; e, sobre quais conteúdos e ferramentas poderiam influenciar e capacitar leitores, com a finalidade de colaborar no processo de conscientização sobre a importância do hábito da leitura em uma sociedade de poucas pessoas letradas?

A partir dessas reflexões e questionamentos surgiu a possibilidade de trabalhar o gênero textual “charge” por propiciar outras leituras na construção de sentidos e por ser rico no que diz respeito a linguagem e outras habilidades e competências necessárias à formação do leitor.

Diante disso, destaca-se, a palavra charge tem

... origem francesa que significa *carga*, ou seja, algo que exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo *burlesco* ou *ridículo*. Por extensão, trata-se de uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, vinculado pela imprensa, que tem por finalidade satirizar e criticar algum acontecimento do momento. Focaliza, por meio de caricatura

gráfica, com bastante humor, uma ou mais personagens envolvidas no fato político-social que lhe serve de tema, (...). (COSTA, 2009, p. 59)

Em termos acadêmicos, acreditamos que nossa proposta de estudo, embasada na obra *Semiótica aplicada* (2018), de Lucia Santaella, poderá prestar contribuições junto aos demais estudos que procuram discutir o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura nas diferentes modalidades de linguagens.

Acreditamos igualmente, que é importante que o leitor reconheça e interprete as linguagens mobilizadas na composição de um texto e que estão relacionadas as características de cada gênero textual em específico.

Desse modo, queremos discutir o uso da charge como recurso nas práticas de leitura, compreensão e interpretações da linguagem semiótica, mais precisamente a de natureza peirciana, obviamente cunhada pelo linguista norte-americano Charles Sanders Peirce (1839 -1914) porque vemos nela um uso potencial para a melhoria da qualidade do ensino e dos índices de leitura no Brasil.

Assim, pretendemos também contribuir com o rol de estudos semióticos, servindo como base de reflexão, do estudo da linguagem e do pensamento lúdico e criativo para os futuros acadêmicos, professores e sociedade em geral que tenha interesse no tema.

AMPLIAR OS CONHECIMENTOS SOBRE LEITURA, PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTOS

Quando pensamos em leitura o que nos vem à mente são códigos a serem decifrados. Porém a compreensão de leitura semiótica vai além, por envolver o

processo comunicativo por utiliza uma variedade de linguagens, a qual pode ser percebida em nosso cotidiano.

Mais do que isso inclui nesse grupo o leitor da variedade de sinais e signos de que as cidades contemporâneas estão repletas: os sinais de trânsito, as luzes dos semáforos, as placas de orientação, os nomes das ruas, as placas dos estabelecimentos comerciais etc. (SANTAELLA, 2012, p.10).

Diante do exposto, é interessante considerar que, a cada dia se faz necessário o domínio das múltiplas linguagens que nos cerca e que muitas vezes passam despercebidas pois, já fazem parte de nós, do nosso cotidiano e não requer grandes observações, por se estabelecerem como informação assimilada, segundo perspectivas do psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980).

Nesse sentido, segundo o Paul Henry Mussen (1922-2000), psicólogo norte-americano - pioneiro nos estudos sobre a psicologia do desenvolvimento, baseando-se na teoria piagetiana define que a assimilação “é tomada como a capacidade de o sujeito incorporar um novo objeto ou ideia a um esquema, ou seja, às estruturas já construídas ou já consolidadas pela criança”; e, a leitura semiótica nos faz entender que há uma ligação contínua de significação sobre aquilo que vemos, ouvimos e falamos, tal e qual, como o escritor irlandês James Joyce (1882-1941) cunhou como verbivocovisualidade, a partir da concepção de tridimensional da linguagem e na filosofia da linguagem

humana do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). (MUSSEN, 1983, p. 68)

Um romance, na perspectiva semiótica é considerado signo por representar costumes da sociedade em uma determinada época. E por sua vez, o filme desse romance considera-se signo por representar o romance “os leitores só têm acesso ao objeto do signo, àquilo que o romance representa, pela mediação do signo” (SANTAELLA, 2018, p. 8).

Nesta perspectiva as obras e filmes literários proporcionam leituras semióticas, e por sinal atrativo aos alunos, assim como, os romances, ora reproduzidos pelas histórias em quadrinhos-HQ's. Cabe observar que cada obra literária utiliza diferente linguagem de um determinado espaço, característica específicas dos personagens, que marca um espaço geográfico e um tempo histórico, considerando as suas especificidades, as características socio-históricas e culturais, as diversidades e as variações linguísticas.

Segundo o pesquisador José Gadelha Silva Junior e a pesquisadora Nair Ferreira Gurgel do Amaral, no texto “Polifonia: as vozes presentes em textos orais de ribeirinhos da comunidade São Domingos em Porto Velho”, capítulo que comporta a obra “Palavras matizadas: polifonias e intertextualidades”, organizada pelos professores Lusinilda Carla Pinto Martins, Valdir Vegini e Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015):

Tais observações se fazem necessárias para dar continuidade aos estudos que tomam a língua como uma atividade, representação viva da identidade do sujeito, este, concebido como tal, à medida que

interage como outros sujeitos, em uma relação dialógica com o social e o histórico. Como atesta Bakhtin (1999) ‘eu sou na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com alteridade’. ” (SILVA JUNIOR & AMARAL *in* MARTINS, AMARAL & VEGINI, 2015 p. 54)

Ainda no âmbito da Linguística Textual-LT:

A adoção de uma perspectiva textual-interativa, já que os textos são o meio pelo qual a língua funciona, não só resolveria o problema de integração entre os diferentes aspectos do funcionamento da língua na interação comunicativa, mas também libertaria o professor da tradição metodológica em que ele se deixa aprisionar pelo ensino de gramática como um fim em si mesmo, esquecendo-se de que, provavelmente, seria mais pertinente para o aluno aperfeiçoar a capacidade de interação pela língua que ele já tem ao chegar à escola, entendendo que precisa, em termos sociais, ser capaz de interagir com variedades de língua, inclusive a norma chamada de culta, pelas regras

de nossa sociedade e cultura, considerando-se a adequada em determinadas situações. (KOCH & TRAVAGLIA, 2014, p. 102)

Nesse contexto, o uso de painéis, pinturas e imagens em geral permitem entender melhor uma determinada época por promovem efeitos de sentido de certa realidade. A utilização das cores evoca as emoções, a partir de uma leitura visual.

As várias modalidades de linguagens, da textualidade, incluindo a oralidade ajuda o aluno a compreender melhor determinados conteúdos apresentados na aula, com especial ênfase ao ensino-aprendizado da língua portuguesa.

Acrescendo-se a esse cenário de fundamentação teórico-prático, o reconhecimento de que as leituras, quando relacionadas ao cotidiano do leitor, está mais direcionada à literatura e às artes em geral, tal e qual como romances, pintura, poesia e música os alunos conseguem fazer comentários pela ligação de sentidos que podem ser comparados. Um detalhe importante, é trabalhar músicas que fazem parte do repertório cultural dos alunos, assim como temas que fazem parte da sua realidade, o que vai ajudar na formação do cidadão levando eles a refletirem suas ações e a coletividade. Inclusive leitura em libras. As leituras selecionadas possibilitam a criação de textos escritos, orais ou imagéticos. Dando espaço para o leitor expor sua opinião ou escrever um texto narrativo, uma poesia, ou uma crítica levando em consideração o tema utilizado na leitura.

As práticas de modo contínuo promovem o letramento. Quanto maior a dificuldade de leitura, mais variado devem ser as práticas de linguagem dos alunos.

COMPREENDER O FUNCIONAMENTO DO GÊNERO TEXTUAL “CHARGE” E PROPOR ABORDAGENS PEDAGÓGICAS PARA O USO DESSA TEXTUALIDADE FUNDADA EM MÚLTIPLAS LINGUAGENS

O gênero textual é um recurso que traz possibilidades de trabalhar linguagens em sua estrutura de forma mais dinâmica dando novas perspectivas na formação de leitores. Para produzir efeitos de sentidos utiliza elementos simbólicos exagero, analogia, rotulagem e ironia para causar um sentido oposto, assim como a polissemia e ambiguidade. O texto jornalístico apresenta informações atuais de nossa sociedade. O que contribui no engajamento de jovens leitores que leem, interpretam e ao mesmo tempo se reconhecem como participantes da sociedade. Isso porque a charge apresenta informações da realidade que podem ser comparados a fatos reais. Por ser uma criação artística, é feita uma seleção criteriosa das palavras para conduzir o pensamento do leitor. Os enunciados de uma charge dão possibilidade de analisar a relação de sintagma e paradigma, conteúdos propicio para o nono ano.

O que se pode observar é que a charge utiliza diferentes linguagens que marca um determinado espaço, cultura e característica específicas dos personagens em um tempo histórico específico, assim como as obras literárias, mas de forma mais simples usando um fato histórico em um determinado espaço do meio social. Surgindo oportunidade para indicações de possíveis leituras no âmbito da literatura ou outros gêneros textuais que tenha alguma relação com o tema tratado.

Nessa perspectiva o gênero textual charge como recurso pode ser utilizado para influenciar na formação de leitores na disciplina de língua portuguesa, desenvolvendo

competências e habilidades de leitura em alunos do nono ano, como por exemplo, nas análises linguísticas e semiótica-literária. Consciente do desafio dos profissionais de letras português no que diz respeito a formação de leitores em um tempo tão reduzido, a leitura do gênero textual charge pode contribuir no processo de formação de leitores em sala de aula e fora dela nas apresentações de trabalhos e projetos junto à comunidade, possibilitando o engajamento das leituras e conhecimento de mundo.

A charge é uma arte utilizada no jornalismo para fazer uma crítica humorística. O texto pode se apresentar de duas formas usando linguagem verbal e não verbal ou somente imagem, o mesmo é propagado em jornais e revistas, livros e nas mídias digitais. No texto usa-se caricatura de forma exagerada promovendo denúncia de um fato social ou conduta de alguém no contexto atual. O mesmo apresenta um discurso em sua mensagem deixando espaços, no qual podemos dizer que são campos para interpretações possíveis de cada leitor. Isso porque cada leitor tem sua maneira de ver o mundo, de modo que cada um constrói o seu próprio significado. Para interpretar uma charge é importante observar o foco do discurso, para qual contexto, e fato social está evidenciado. Segundo Santaella, (2018) quando se trata de efeitos interpretativo de uma mensagem no receptor, há três níveis. Os emocionais promovido por elementos sinestésicos, os reativos, que ocorrem através de uma ação, o lógico por meio de interpretação quando ocorre a ligação de sentidos formando o interpretante. O efeito que promove uma reflexão na mente do leitor.

De outro modo a imagem pode ser analisada em si mesma onde se faz uma leitura visual das cores e linhas que compõem expressões e movimento da imagem. Passando então para o processo de relação entre texto,

leitor e autor. “ Assim, nos códigos visuais os signos seriam as menores unidades com significado próprio e as figuras, unidades mínimas desprovidas de significado e com valor apenas referencial” (NETTO,2014, p. 21).

Para compreensão da análise dos textos charges será utilizado os elementos formais e universais dos fenômenos captados pela mente segundo os conceitos de Peirce. A primeiridade (estética), o campo das possibilidades, sentimentos, qualidade. A secundidade (ética) campo das ideias de dependência ação e reação, conflito, surpresa, dúvida. E a terceiridade (lógica) onde ocorre a ligação de sentido promovendo efeitos de sentido no intérprete.

A compreensão é constituída pelos processos comunicativos da qual nos cerca representados por uma variedade de signos. Para perceber a intenção do autor articulada dentro do texto no processo dialógico entre interlocutores, mais os efeitos de sentidos identificados no interior do texto por meio de juízo e convicção do enunciador, analisa-se a relação de língua, sujeito, discurso no início, no meio, e depois do ato de produção. Desse modo o leitor perceber algo que esteja acontecendo de forma imperceptível no contexto atual.

Por trabalhar fatos atuais é possível apresentar outros gêneros textuais que mantenham uma relação de intextualidade de modo mais dinâmico. Apresentar entrevista com o tema abordado na charge, identificar outros temas que podem ser abordados e posteriormente pesquisados, criar narrativas possíveis escrita e oral, leitura verbal identificando cada linguagem que compõe os enunciados presente no gênero textual charge, visitar plataformas que trabalham com o gênero textual desenvolvendo habilidades de letramento digital conhecendo jornais online, revistas e autores.

A linguagem literária aparece por meios dos elementos de denotação e conotação na construção de sentidos por ativa os processos cognitivos essenciais na aprendizagem. O processo de significação por meio de códigos no sentido literal, e o implícito por ser uma sequência lógica que deixa espaços vazios para as possíveis pressuposição e subentendidos por parte do leitor.

Para melhor compreensão segue a análise de duas charges do cartunista, Luiz Fernando Cazo:

Charge 1- Igualdade e equidade, no contexto de pandemia e ensino remoto.



(crédito: Reprodução/Prova do Enem postado em 13/11/2022 20:46)

Fonte:

<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/enem/2022/11/5051595-confira-os-principais-assuntos-que-cairam-na-primeira-prova-do-enem-2022.html>

PRIMEIRIDADE (SENSORIALIDADE)

O primeiro aspecto a ser explorado são os elementos estéticos que compõem a imagem visual propriedade internas da linguagem visual, que promove a intenção do artista dentro de um contexto específico destacando a qualidade de cada signo por ser possível reconhecer o significado de cada um.

As cores fazem contraste de luz e sombra no plano de fundo, e a cor amarela dos balões chama a atenção do leitor para o enunciado destacado em negrito e grafia em caixa alta dos verbos na forma nominal (signos) estudando, tentando e achar no infinitivo. Esses promovem entonação e efeito emocional, por demonstrar alteração da voz, e sensorio por causar no interprete uma sensação de impaciência percebida no tom de voz representado, e também metafórico pela expressão do enunciado que surge pressupondo que seja a mãe do suposto estudante pela forma de construção do enunciado o qual é possível deduzir de forma generalizada pelo modo da expressão que toda mãe fala diante de tal situação (campo das possibilidades de interpretação de cada leitor).

As linhas sugerem a ordem dos enunciados como também volume e movimento dos signos usados para definir detalhes e divisão de espaços do texto.

SECUNDIDADE (À MENSAGEM)

A mensagem é interpretada pelos aspectos sensoriais e qualitativos que se fundem ao ponto de reconhecer duas variantes linguística do português brasileiro “Tá” e “Tô” reconhecida em um determinado espaço geográfico na sociedade. As casas, antenas, e caixa d’agua remetem a área urbana em uma localidade de difícil

acesso à internet. À casa do suposto estudante que não consegue acompanhar a aula na íntegra. O que causa mal-entendido com outra pessoa pela ação de buscar uma melhor conexão de internet, para que possa assistir a suposta aula. O verbo “Estudar” no primeiro enunciado possibilita pensar que a suposta mãe já sabia que o filho não estava estudando, porque aparece em caixa alta, deixando espaço para o leitor fazer as inferências no texto somadas a seus conhecimentos de mundo por ter duplo sentido, em que a mãe pergunta realmente se o filho está estudando, ou se ela pergunta por já saber que ele não está estudando.

Os objetos tecnológicos como antenas, celular indica que a comunidade tem acesso a comunicação e informação do meio social, a vara de pescar, linha e celular são usados como equipamento pelo suposto aluno. O que chama atenção do leitor para o prejuízo ocasionado na vida do estudante com menor poder aquisitivo. A luta do estudante em situação de vulnerabilidade socioeconômica durante a pandemia. Um processo de mudanças e adaptações representado no gênero textual charge. A mensagem é particular por envolver duas linguagens, classe social, um fato histórico, conduta do aluno, norma escolar, e cultura de um povo.

TERCEIRIDADE (A INTERPRETAÇÃO DAS MENSAGENS)

As imagens denunciam um espaço periférico dentro da sociedade seguindo uma sequência lógica racional de um discurso dividido por dois enunciados mesclado por duas variantes linguística do português brasileiro deixando em evidência a falta de domínio da língua na fala nos dois enunciados, o qual pode se deduzir no primeiro enunciado, que seja a mãe do estudante e no

segundo enunciado, o estudante que está em processo de aprendizado no domínio da língua escrita e falada.

O tamanho da grafia chama a atenção do leitor para fatos que ocorreram no período de quarentena. Assim como, dificuldade para assistir as aulas por não ter uma conexão de internet de qualidade, a cobrança e desconfiança do familiar e escola, as normas escolares que estabelecem um ensino educacional com práticas e desenvolvimento de habilidades necessárias no ensino básico.

O efeito interpretativo da mensagem no primeiro enunciado apresenta uma expressão ativa iniciada pelo verbo da variante do português brasileiro “ Tá ” por evoca alguém pelo nome “Júnior” seguido de um sinal de interrogação, e ao mesmo tempo, dá ênfase ao signo “estudando” (metáfora). Pois, quando se compara a pergunta do primeiro e segundo enunciado, a imagem que aparece não é de estudo e sim, como se o suposto filho estivesse brincado de pescaria. Os signos em negrito da palavra “calma” faz com que o leitor tenha a sensação de um tom de voz mais baixo na resposta do suposto estudante. Isso, por não está conseguindo acompanhar o conteúdo da aula e por estar concentrado no esforço e equilíbrio para encontrar um sinal de Wi-fi em plena era digital.

Os signos (verbos) “Tentando” e “Achar” em caixa alta o autor dá ênfase para chamar a atenção do leitor de um fato constante por diversos fatores na vida do estudante de menor poder aquisitivo. O signo achar é polissêmico, pois não se acha o sinal de Wi-fi e sim, se conecta, ou seja, é uma expressão linguística cultural. O que esclarece a baixa conexão de internet. A palavra tentando tem o sentido conotativo, é como a voz do garoto disse “gostaria de estar estudando”, para entender a expressão é

preciso conhecer o contexto que envolve o enunciado. Havendo nesse momento uma ruptura na linguagem verbal e completada pela linguagem não verbal e os processos cognitivos do leitor.

As vozes dos supostos personagens dão ênfase ao período de quarentena, por esse motivo, a ausência de personagens é proposital. Dessa forma o autor traz informação e reflexão de um fato social generalizado relacionado a “Igualdade e equidade, no contexto de pandemia e ensino remoto”, fato que envolve escola e sociedade. Concluindo o elemento interpretante que compara a desigualdade social no meio educacional. (À interpretação é feita através das informações e deduções construindo o interpretante, ou, seja, a conclusão final da análise). Ainda na análise pode ser constar os elementos formais e universais que se apresentam à percepção e a mente trabalhando os três ramos da semiótica a gramática especulativa responsável por analisar qualquer signo por significação, representação, objetivação e interpretação. Analisando a lógica crítica, relacionado aos estudos dos argumentos abduativos, indutivos e dedutivos e a teoria do método científico a sequência utilizada na análise. Alcançando os três níveis de interpretação fazendo um panorama metodológico.

O efeito interpretativo pode promover no leitor efeitos emocionais já definidos pelo artista autor, efeitos reativos por agir movido pela mensagem.

Charge - 2: 'Evolução da Escrita'



<https://www.tribunaribeirao.com.br/site/charges-de-cazo-recebem-premios/>

Ribeirão Preto

17 de dezembro de 2022 | 22:09

PRIMEIRIDADE

A segunda charge, propõem a leitura da esquerda para direita seguindo uma sequência evolutiva no tempo histórico, envolvendo o desenvolvimento da técnica e tecnologia e a forma de comunicação dos seres humanos. O texto é construído por várias cores dando característica aos signos que fazem uma conexão de linguagem não verbal. Assim como marrom escuro e claro, o amarelo, o azul escuro e claro, verde claro e escuro. Três tons de cinza, claro e escuro, pastel escuro e claro, rosa médio e três tons de bege e vermelho. O primeiro personagem apresenta cabelos cumpridos, usando um colar, pulseira e roupa de

pelo de animal. Lembrando os primeiros habitantes, os povos sumérios e paleolítico que desenhavam imagens sendo as primeiras formas de escrita, e ao mesmo tempo o povo da Grécia Antiga, por estar escrevendo em uma pedra usando um objeto com duas pontas. O segundo personagem, demonstra satisfação na expressão do rosto usando um turbante amarelo de listras, calça branca e dois acessórios, um no queixo, e uma pulseira no pulso, escrevendo em um papel longo, com os olhos delineado de preto.

O terceiro tem uma imagem mais jovem usando boné e camiseta ao mesmo tempo que manuseia um celular muito entusiasmado.

Os dois primeiros personagens estão de frente um para o outro. No entanto os três estão atentos pensando e escrevendo algo relacionado aos signos que estão dentro dos balões direcionado por linhas para cada personagem, o qual se percebe a singularidade dos signos nos balões. As linhas formam quadrados, retângulos, curvas e triângulos semelhantes aos objetos e seres humanos com estilos e épocas diferentes. O que caracteriza cada personagem assim como vestimentas, números de dentes e objetos utilizados na escrita. É possível perceber satisfação na expressão do rosto e sorriso dos personagens por estarem escrevendo nos seus respectivos objetos. Os olhos do primeiro personagem não aparecem, enquanto o dos outros estão em evidencia.

As posições dos dois primeiros homens abrem outras possibilidades de leitura como por exemplo, pertencerem a outro tempo histórico. As expressões dos personagens e modo de comportamento mostra uma diferença de idade e comportamento.

SECUNDIDADE

A mensagem trata do avanço da escrita iniciada pelas primeiras civilizações até o momento atual. Iniciada com os sumérios que se comunicavam através de símbolos chamado cuneiforme, usando um estilete com duas pontas em pedras de argila. E posteriormente a escrita hieróglifos é aprimorado pelos egípcios, que passa a ser escrita em um papel chamado papiro. E no século XXI, os símbolos voltam a fazer parte da linguagem através dos símbolos (emojis). A expressão dos personagens e modo de comportamento mostra uma diferença de idade e conduta com o passar dos tempos. Ao comparar a ação dos três homens é possível perceber um aprimoramento da escrita, contudo o terceiro personagem estar imergido em um celular demonstrando o poder das linguagens unido a tecnologia.

TERCEIRIDADE

A charge mostra o avanço da escrita ao longo dos anos. Logo no início os símbolos representavam ideias para os primeiros habitantes até chegar no momento atual. Época que, os símbolos são usados na comunicação para representar sentimentos, o que demonstra o descontrole nos processos comunicativos, a fascinação demonstrada na expressão e conduta do jovem ao manusear um celular. As vestimentas chamam atenção como um semáforo até chegar no momento atual. O que nos faz refletir se realmente evoluímos com o avanço da tecnologia no que diz respeito a escrita e evolução do ser humano, o equilíbrio mental e comunicação de modo geral.

Os símbolos representados nas primeiras civilizações foram uma convenção social, pois engloba

todo o contexto, referente a capacidades, limites e lei. Porém os emojis (símbolo) é uma convenção, e não uma lei, mas uma representação específica da linguagem usada na mídia para representar sentimentos. O efeito interpretativo pode promover no leitor um efeito emocional já definido pelo artista autor ou efeitos reativos por agir movido pela mensagem.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Visando contribuir nas práticas de leitura apresento uma proposta de atividade baseada nos resultados apresentados nesta pesquisa usando o gênero textual charge com o tema ‘Evolução da Escrita’ para alunos do nono ano.

No primeiro momento apresentar ‘o gênero textual charge com o tema, ‘Evolução da Escrita’ para fazer possíveis leituras. Em seguida apresentar um vídeo curto sobre A invenção da escrita, seguido de textos variados como artigos, resenhas, revistas, livros com temáticas relacionado a civilização suméria, egípcia e suas formas de escrita e outras leituras sobre o avanço da tecnologia. No terceiro momento cada aluno escolherá uma das opções de leitura para fazer uma busca com um objetivo de fazer um comentário relacionado a charge apresentada. E no quarto momento os alunos poderão posiciona-se dando sua opinião sobre o tema da charge ‘Evolução da Escrita’.

O objetivo da atividade e formar leitores usando o gênero textual charge como recurso praticando habilidades de leitura observando a diferença de estrutura e linguagem de cada texto. A atividade proporciona leitura, interpretação de texto, além de ajudar o aluno a compreender os processos de intextualidade, promove a atividade de pesquisa, produção de texto oral, ou seja, um

espaço para o educando elaborar seu discurso com relação ao tema observando pontos positivos e negativos sobre a evolução da escrita, assim como autonomia para escolha das opções de leitura, escuta e participação colaborativa.

REFLETIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM TEXTOS MULTIMODAL (LINGUAGENS VERBAL E NÃO VERBAL) PARA O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES LEITORAS EM ALUNOS DO NONO ANO

Os textos multimodais utilizam linguagens verbal e não verbal e estão presentes em vários lugares ocupando espaços no mundo real e virtual muito presente no contexto atual. Por serem textos interativo que podem ser alterados para produzir outros sentidos e um maior número de público evitando uma estrutura fixa. Daí a necessidade de formar leitores consciente dessas múltiplas linguagens por ocupar diversos ambientes sociais como escola, mídias, igrejas em conversas e comentários em grupos no WhatsApp, Instagram, twitter e redes sociais. Os gêneros textuais histórias em quadrinhos, meme, gifs, charge, vídeos, áudio entre outros fazem parte dessa modalidade. Levando em consideração que a comunicação humana é multimodal o que proporciona uma multileitura.

As leituras propostas em sala de aula podem vim associadas de textos híbridos envolvendo poesia, entonação e música, etc. Uma imagem reproduzida no slide somada a uma poesia que corresponda a imagem exposta podem ser lidas e discutidas pelos educandos. Segundo Nascimento; Ribeiro (2019, p.12,13), a leitura visual leva o estudante a entender as cores como recurso de uma mensagem elaborada pelo artista. Elas explicam que cada cor pode ser sentida e promover emoções ao mesmo tempo que é construída, é única. Pois ao relacionar

diferentes linguagens usando o mesmo tema, o aluno estará conhecendo artistas importantes do meio cultural, regional ou internacional.

Essa modalidade de texto proporciona ao aluno conhecer diversas maneira de usar a linguagem por meio de práticas interativas, contribuindo no desenvolvimento das habilidades de escuta, multiletramento e escrita autoral, produção de discurso, senso crítico. Segundo Nascimento; Ribeiro (2019):

Após as leituras de textos multimodais percebemos nos textos escritos, uma gama de informações oriundas dos conhecimentos obtidos ao longo da atividade, que os auxiliou na construção de produções ricas em informatividade, coerentes e mais coesas (NASCIMENTO; RIBEIRO, 2019, p. 9).

A prática de leitura interativa de textos multimodais possibilita a compreensão do conteúdo na elaboração de textos escritos, na argumentação e relação com a realidade, além de melhorar a leitura e relacionamentos.

A formação de leitores ainda é um grande desafio dos profissionais de educação no século XXI e propomos aqui o uso do gênero textual charge como possibilidade de enfrentamento a este desafio, permitindo trabalhar o entrelaçamento de linguagens de forma mais dinâmica, e dando novas perspectivas no que diz respeito à formação de leitores.

A charge é um gênero textual jornalístico, que utiliza linguagem verbal e não verbal para levar informação

através do humor e ironia, com intuito de denunciar e criticar vários fatos que ocorrem em nossa sociedade. Sejam eles políticos ou religiosos, propagados pelos meios de comunicação, assim como revistas, sites em plataformas digitais. O estudo iniciado com os signos linguagem dos gregos. Santaella comenta sobre a ciência dos signos, preocupação iniciada no mundo grego por compreender e investigar os signos:

A linguagem dos signos é muito antiga. A semiótica conhecida como ciência dos signos da significação e da cultura, no século XX. A preocupação essa linguagem foi iniciada no mundo grego. Por ser uma semiótica implícita por compreender e investigar toda a natureza de signos. A semiótica apresenta várias correntes, porém a proposta de aplicação de base será do matemático, cientista, lógico e filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914). A semiótica de Peirce é um membro da tríade da ciência normativas, estética, ética e lógica ou melhor semiótica, antecedidas pela ciência da fenomenologia e seguida pela metafísica. A semiótica apresenta três ramos: gramática especulativa, estuda os variados tipos de signos (conhecido no decorrer do século XX). Nesta classificação são estudados os signos concretos

literários, publicitário, fotográficos, cinematográficos etc.” (SANTAELLA, 2018, p. 1).

A fenomenologia e a semiótica vão explicar os fenômenos que se apresentam a mente nos estudos de Peirce, o nível mais elevado dividido em três partes a primeiridade relacionado a possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade e gesticulação. A secundidade se refere às ideias de dependência, determinação, dualidade, ação, e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. E a terceiridade ocorre a construção dos efeitos de sentidos promovendo uma ação no leitor.

A ciência normativa se divide em três funções distintas, a estética é responsável pelas ideias de construção que guiam as emoções e sentimentos. Por sua vez, a ética constrói as ideias que promove o comportamento manifestado. E a lógica se encarrega das relações cognitivas na construção do pensamento e normas. As triagens são etapas na construção de uma análise. Os signos representam um objeto, seja um objeto, real ou abstrato, como por exemplo um sonho.

Os estudos semióticos permitem aumentar o nível de leitura por meio das emoções, sensações, usando figuras de linguagem e elementos simbólicos. A ciência normativa responsável por estudar ideias, valores e normas. Assim como a fusão dos vários elementos em sua composição, exige não só, conhecimento de mundo, mas leva o leitor interpretante a perceber o entrelaçamento dos signos no interior da mensagem, a qual será analisada com mais profundidade, por esse motivo, é uma referência no desenvolvimento nas práticas de linguagens. Conforme cita a Base Nacional Comum Curricular:

Ao engajar-se mais criticamente, os jovens podem atualizar os sentidos das obras, possibilitando compartilhá-las em redes sociais, na escola e em diálogos com colegas e amigos. Trata-se, portanto, além da apropriação para si, de desfrutar também dos modos de execução das obras, que ocorre com a ajuda de procedimentos de análise linguística e semiótica. (BNCC, 2018, p. 523).

O gênero textual charge como recurso pode ajudar os professores no processo de interação nos projetos que envolva outras disciplinas ou pesquisas, disseminando conhecimento no meio social, ultrapassando os limites da sala de aula. Acreditamos que assim os alunos do nono ano estarão mais preparados para desenvolverem habilidades de linguagens e interpretação dos signos, iniciadas no ensino fundamental e aperfeiçoadas no ensino médio. “Segundo Peirce, o primeiro efeito significativo próprio de um signo é um sentimento por ele produzido. Este sentimento, quase sempre constatável, é interpretado como prova de que compreendemos o efeito adequado do signo” (NETTO, 2014, p.73).

Os elementos denotativos ou linear e conotativos ou figurativos, estão inclusos no recurso aqui enfatizado abrindo espaço para pesquisa e leituras literárias em uma perspectiva semiótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desta pesquisa foi propor o gênero textual charge, na formação de leitores, por trabalhar linguagens verbal e não verbal, interpretação e compreensão de texto, elementos relevantes na formação do sujeito que lê, compreende o meio social.

O gênero textual possibilita atrair o leitor de forma mais dinâmica e participativa por meio da leitura visual e posteriormente, pode se fazer outras leituras abrindo espaço para outras modalidades de textos que podem ser desenvolvidas em sala de aula e aprimorada no contexto social. Dessa forma os leitores vão desenvolvendo habilidades pertinentes no processo de formação leitora exigido pela Base Nacional Comum Curricular, nas aulas de Língua portuguesa em turmas do nono ano do ensino fundamental II.

O gênero textual charge se clássica também como multimodal modalidade que desenvolve múltiplas linguagens verbal, visual, híbrida ou expressões. O que legítima nossa pesquisa diante do depoimento das pesquisadoras Nascimento e Ribeiro (2019, p. 9), que comprovam que após as práticas de leituras de textos multimodais, os alunos do nono ano melhoraram na participação colaborativa, a escrita e as produções passaram a ser ricas de informatividade. Ou seja, as habilidades praticadas nas atividades de leitura verbal e não verbal.

A análise semiótica envolve a técnica, a história e o sujeito, pois todo sistema de linguagem é constituída por signos. Sendo possível desenvolver várias atividades de leituras usando diversos textos o que garante a compreensão dos processos de semioses inserido na nossa realidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Senado Federal. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- BRITO, Gustavo André Táriba. Humor, memes e semiótica: "é verdade esse 'bilette'". In.: **Curso de Formação em Semiótica, Discurso e Linguagem**. YouTube, em 13 de ago. de 2022.
- CARLOS, Henrique. Escobar. **Proposições para uma semiologia e uma linguística**. ed. Rio de Janeiro, 1973
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gênero textuais**. 2ª. ed. rev. ampl. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DIÁRIOS ASSOCIADOS. Igualdade e equidade, no contexto de pandemia e ensino remoto. **Estudante/ENEM**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/enem/2022/11/5051595-confira-os-principais-assuntos-que-cairam-na-primeira-prova-do-enem-2022.html>. Acesso em 13 nov.2022;
- GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GROBEL, Maria Cecília; TELLES, Virgínia Lúcia. Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e, a evolução da autenticidade

documentos. **Revista Acadêmica Oswaldo Cruz.**
Disponível em:

<http://www.revista.oswaldocruz.br/Content/pdf/Maria%20Cec%C3%ADlia%20Blumer%20Grobel.pdf>. Acesso em 26 mar.2023;

HOLOUKA, Isabella. Cartunista e colaborador do LIBERAL é premiado no 47º Salão Internacional do Humor de Piracicaba: Charge premiada de Luiz Fernando Cazo compara os avanços das primeiras civilizações com emojis. Disponível em: <https://liberal.com.br/cultura/cultura-na-regiao/cartunista-e-colaborador-do-liberal-e-premiado-no-47o-salao-internacional-do-humor-de-piracicaba-1298949/>(última vez). Acesso em 26 mar.2023;

JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Campinas: Papirus, 2010.

JORNAL TRIBUNA RIBEIRÃO. Evolução da Escrita. In.: Jornal Tribuna de Ribeirão Preto. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/charges-de-cazo-recebem-premios/>. Acesso em 17 dez.2022;

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. São Paulo: Editora Contexto, 2014;

MUSSEN, Paul Henry. O desenvolvimento psicológico da criança; tradução Antonio P. R. Agatti. 11ª. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.

NASCIMENTO, Jane Kelly de Souza; MARTINS, Aira Suzana Ribeiro. Multiletrar é preciso! Caderno de atividades: A leitura de textos multimodais e o uso das múltiplas linguagens nas aulas de Língua Portuguesa. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2019.

RONDÔNIA. SEDUC RO - Secretaria Estadual de Educação. Referencial Curricular do Estado de Rondônia para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Porto Velho: SEDUC, 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos. 2012.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **Semiótica aplicada**. 2ª. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

SILVA JUNIOR, José Gadelha; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. Polifonia: as vozes presentes em textos orais de ribeirinhos da comunidade São Domingos em Porto Velho. In.: MARTINS, Lusinilda Carla Pinto; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; VEGINI, Valdir (Orgs.). **Palavras matizadas: polifonias e intertextualidades**. Porto velho: Temática, 2015.

